



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL PR
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS - LICENCIATURA

VANESSA DUTRA

CONTRADIÇÕES E RESISTÊNCIA CAMPONESA:
O CASO DOS JOVENS DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO-
MUNICÍPIO DE QUEDAS DO IGUAÇU - PARANÁ

LARANJEIRAS DO SUL

2017

VANESSA DUTRA

**CONTRADIÇÕES E RESISTÊNCIA CAMPONESA:
O CASO DOS JOVENS DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO-
MUNICÍPIO DE QUEDAS DO IGUAÇU - PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Me. Vitor de Moraes

LARANJEIRAS DO SUL

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Dutra, Vanessa
CONTRADIÇÕES E RESISTÊNCIA CAMPONESA:: O CASO DOS
JOVENS DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO- MUNICÍPIO DE
QUEDAS DO IGUAÇU - PARANÁ/ Vanessa Dutra. -- 2017.
78 f.

Orientador: Vitor de Moraes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Interdisciplinar em educação do campo-ciências sociais e
Humanas-Licenciatura , , 2017.

1. Juventude. 2. Emancipação. 3. Resistência. 4.
Contrações. I. Moraes, Vitor de, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



VANESSA DUTRA

**CONTRADIÇÕES E RESISTÊNCIA CAMPONESA: o caso dos jovens do
assentamento Celso Furtado, Quedas do Iguaçu - Paraná**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – *Campus Laranjeiras do Sul*.

Orientador: Prof. Me. Vitor de Moraes

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

28 / 11 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Vitor de Moraes

Prof. Me. Fábio Luiz Zeneratti

Prof. Dra. Marciane Maria Mendes

Aos bravos jovens, lutadores, guerreiros, e companheiros de luta, pela resistência e perseverança, na busca por uma sociedade justa e igualitária, em especial a vocês que contribuíram para com este escrito, dedico este trabalho a vocês. Aos trabalhadores e trabalhadoras do campo, em especial aos nossos, do assentamento Celso Furtado, minha inteira admiração por vós pela bravura e persistência junto aos movimentos sociais, partilhando de um bem comum, a reforma agrária.

Dedico a vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela força, perseverança, autoconfiança e pelo Dom de perpetuar nesta profissão, ao qual pretendo dedicar minha vida por, com e pra ela.

A minha família base de tudo, meu porto seguro, minha fortaleza.

Ao meu pai, Gabriel (exemplo de ser humano e amor), ao qual devo, minha educação, minha perseverança e minha personalidade, minha mãe Julia (minha fortaleza e companheira de todas as horas), ao qual herdei a força e determinação frente aos desafios que a vida me impõe, tudo isso e um pouco mais, devo a ti. As minhas irmãs, Valéria e Vitória Gabriela (provas de cumplicidade e fonte de um amor inexplicável), ao qual Deus me abonou com privilégio de tê-las como irmãs. Meu muito obrigada.

As minhas colegas de caminhada, Marcia, Rose, Fabiana, Karoline, Viviane, Gisele e Andreia, que juntas enfrentamos nosso primeiro passo rumo ao sucesso, devo muito a vocês por todo o carinho e cumplicidade divididos nesses quatro anos de curso, nossa amizade provou que quando somados as alegrias e divididas as tristezas, vamos longe, e chegamos longe. Obrigada por tudo.

Ao meu orientador Vitor de Moraes, pela paciência, e compreensão frente aos meus limites, sempre buscando o diálogo e o companheirismo como forma de ensinar, e de encontrar caminhos alternativos para os limitantes encontrados nesse percurso. Muito obrigada.

Aos meus alunos, primeiros a me assistirem atuar na profissão, permitindo-me conhecer a cada um de forma a acrescentar não só no conhecimento, mas também como ver e prosperar na vida adulta. Aprendi, aprendo, e anseio seguir aprendendo muito com vocês. Grata.

A todos meus amigos, parentes, envolvidos que de forma direta e indireta contribuirão para que esse momento fosse possível, ao incentivo, aos ensinamentos, as críticas que de forma geral foram motivos de crescimento contínuo de minha parte, devo muito a vocês.

Com todos, por todos, a todos, minha eterna gratidão.

“Onde quer que se encontrem camponeses proprietários, encontra-se igualmente a abastança, a tranquilidade, a confiança no futuro, a independência que asseguram a felicidade e a virtude”

(KAUTSKI, Karl, 2010, pg. 54).

RESUMO

O presente escrito, apresenta o resultado da pesquisa empírica feita junto ao jovens do Assentamento Celso Furtado, no município de Quedas do Iguaçu, PR. A pesquisa explicita as contradições e resistência camponesa, em específico o caso dos jovens do referido. Para a realização deste trabalho foi necessário, o levantamento bibliográfico que forneceu o suporte teórico necessário para a melhor compreensão das temáticas abordadas. Foram consultadas bibliografias que tratam dos problemas sociais e das desigualdades brasileiras, como a questão agrária, tendo como parâmetro a luta pela terra e a luta pela emancipação do assentamento pesquisado, em sequência, referência bibliográfica relacionada a juventude, sendo ainda, contemplada pela metodologia de pesquisa de campo por meio de entrevista semiestruturada com a juventude do assentamento. A pesquisa aconteceu no referido assentamento, mais especificamente neste mesmo ano, o intuito da mesma foi, compreender as formas de resistência que a juventude vem desenvolvendo ao longo dos anos em meio as dificuldades que o mesmo vem passando, pra além disso analisar as principais causas que induziram e induzem os jovens deste assentamento a deixarem o campo e migrarem para os grandes centros urbanos. Uma das hipóteses abordadas, é a de que, as políticas públicas não atendam as demandas do campo e dos sujeitos que lá vivem, contribuindo assim, para a evasão desses jovens.

No decorrer da pesquisa, alguns elementos aparecem mais fortes, como por exemplo, a resistência da juventude encontrada na busca pela emancipação do assentamento a partir da própria luta. Outros fatores aparecerão intensos, como a inserção de parte significativa dos jovens nos cursos superiores oferecidos pelas universidades federais não só da região, mas também fora dela, contribuindo assim para a formação humana, que no decorrer do escrito fica explicito. Grande percentual dos jovens que saem para estudar, pretendem depois de formados, voltar para o assentamento e colocar em prática algumas das teorias que foram instruídas no decorrer desses períodos também é explicada. Pode-se observar ainda, que, o assentamento em questão, consegue ter sua própria autonomia, pois trabalha na perspectiva do desenvolvimento da formação humana e visa o pleno desenvolvimento do coletivo, no sentido de fortalecimento da luta de classe, mesmo com as contradições impostas pela realidade.

Palavras Chave: Juventude. Emancipação. Resistência. Contradições.

RESUMEN

El presente escrito, presenta el resultado de la pesquisa empírica hecha con los jóvenes del “Asentamiento Celso Furtado”, en el municipio de Quedas do Iguaçu, PR. La pesquisa explicita las contradicciones a la resistencia campesina, en específico el caso de los jóvenes del referido. Para la realización de este trabajo fue necesario el levantamiento bibliográfico que forneció el soporte teórico necesario para la mejor comprensión de las temáticas abordadas. Fueran consultadas bibliografías que tratan de los problemas sociales y de las desigualdades brasileñas, como la cuestión agraria, teniendo como parámetro la lucha por la tierra y la lucha por la emancipación del asentamiento pesquisado en la secuencia, referencia bibliográfica relacionada a la juventud, siendo aún contemplada por la metodología de pesquisa de campo por medio de entrevista semiestructurada con la juventud del asentamiento. La pesquisa aconteció en el referido asentamiento, más específicamente en este mismo año, el intuito de la misma fue comprender las formas de resistencia que la juventud viene desarrollando al largo de los años en medio a las dificultades que el mismo viene pasando, para mientras de eso analizar las principales causas que influyeron e influyen los jóvenes de este asentamiento a abandonaren el campo y migraren para los grandes centro urbanos. Una de las hipótesis abordadas es la de que las políticas públicas no atiendan a las demandas del campo y de los sujetos que allá viven, contribuyendo así, para la evasión de estos jóvenes. En el transcurrir de la pesquisa, algunos elementos aparecieron más fuertes, como por ejemplo, la resistencia de la juventud encontrada en la busca por la emancipación del asentamiento a partir de la propia lucha. Otros factores aparecieron intensos, como la inserción de parte significativa de los jóvenes en los cursos superiores ofrecidos por las universidades federales no solamente de la región, pero también afuera de ella, contribuyendo así para la formación humana, que en el transcurrir del escrito queda explícito. Grande porcentual de los jóvenes que salen para estudiar, pretenden, después de formados, volver al asentamiento y poner en práctica algunas de las teorías que fueron instruidas en el transcurrir de estos periodos también es explicada. Se puede observar aún, que el asentamiento en cuestión consigue su propia autonomía, pues trabaja en la perspectiva del desenvolvimiento de la formación humana y visa el pleno desenvolvimiento del colectivo, en el sentido de fortalecimiento de la lucha de clase, mismo con las contradicciones impuestas por la realidad.

Palabras Llave: Juventud, Emancipación, Resistencia, Contradicciones.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa localizando as áreas de terra grilada da empresa Araupel, já ocupadas pelo MST.....	23
Imagem 1 - Mata verde, área de reflorestamento por Pinus da empresa Araupel.....	22
Imagem 2 - Parte do documento que foi expedido pela juíza de Quedas do Iguaçu.....	24
Imagem 3 - Terreno de uma família do ACF.....	25
Imagem 4 - Estradas do assentamento ACF.....	30
Imagem 5 - Transporte de leite no assentamento ACF.....	31
Imagem 6 - Estrutura do antigo colégio Chico Mendes (Barracão).....	33
Imagem 7 - Colégio Estadual do Campo Chico Mendes em obra iniciada em 2012.	33
Imagem 8 - Colégio Chico Mendes consolidado no final de 2016.....	34
Imagem 9 - Estrutura do Colégio Olga Benário Prestes no ano de 2000.....	35
Imagem 10 - Estrutura do Colégio Olga Benário Prestes em 2007.....	36
Imagem 11 - Colégio Olga Benário Prestes em 2017, já com as reformas em andamento.....	36
Imagem 12 - Mulheres assentadas do ACF em curso de qualificação em panificação no município de Quedas do Iguaçu-PR, no ano de 2014.....	46
Imagem 13 - Coletivo de juventude do ACF participando do Encontro Nacional da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo no município de Candói-PR, ano de 2013.....	47
Imagem 14 - Coletivo de juventude do ACF em ato em Curitiba.....	48
Imagem 15 - Mobilização relembrando os 17 anos de massacre do Eldorado do Carajás.....	49

LISTA DE SIGLAS

ACF	Assentamento Celso Furtado
MST	Movimento dos trabalhadores Rurais Sem-Terra
INCRA	Instituto Nacional de Reforma Agrária
PENAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
CNPJ	Cadastro Nacional De Pessoa Jurídica
S.A	Sociedade Anônima
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
LEDOC	Licenciatura em Educação do Campo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A CONQUISTA DA TERRA NO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO- QUEDAS DO IGUAÇU, PR.....	14
	2.1 AS CONTRADIÇÕES DA FORMAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL	15
3	LIMITES E POSSIBILIDADES: O POVO EM LUTA PRODUZINDO ESPERANÇA.....	21
	3.1 A LUTA DE CADA DIA NO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO: AS ESTRADAS	28
	3.2 DAS ESTRUTURAS DAS ESCOLAS.....	31
4	A JUVENTUDE DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO: ENTRE A UTOPIA E A REALIDADE.....	37
	4.1 A JUVENTUDE CAMPONESA: EM BUSCA DE UMA NOVA PERCEPÇÃO DE SOCIEDADE.....	37
	4.2 A PERCA DE COLETIVIDADE: “SONHO QUE SE SONHA SÓ, É SÓ UM SONHO QUE SE SONHA SÓ, MAS SONHO QUE SE SONHA JUNTO, É REALIDADE”	43
5	DA TEORIA Á PRÁTICA: JUVENTUDE EXPRESSANDO LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO.....	50
	5.1 VIVENDO E CONTRASTANDO: JUVENTUDE LANÇANDO RESISTÊNCIA	50
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
	REFERÊNCIAS.....	70
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	75

1 INTRODUÇÃO

Considerando a necessidade de se encontrar uma justificativa para compreender o que de fato, na materialidade está acontecendo para que ocorra a saída dos jovens do assentamento. O presente trabalho caminhou na perspectiva de buscar respostas para tal indagação, foram optados por alguns objetivos que no decorrer do mesmo, tentou-se contemplar. Dentre esses objetivos cada pormenor durante o processo de execução foi o que direcionou e, conseqüentemente ofereceu ênfase para tais resultados. Destaca-se o objetivo geral como sendo fundamental para a pesquisa, sendo este, analisar as contradições entre, resistência e a evasão dos jovens a partir da realidade vivenciada pela juventude do assentamento Celso Furtado, município de Quedas do Iguaçu-PR, região Centro Sul/PR.

Pra além, justifica-se a escolha da pesquisa, pela passagem da pesquisadora ser camponesa, filha de assentado, que no decorrer dos anos encontrando-se em diversas dificuldades, consegue concluir o ensino médio, ingressar no ensino superior e conclui-lo, mais tarde ingressa como educadora, pela Secretaria Estadual de Educação do Estado, onde atua até o momento. Ao vivenciar as lutas dos camponeses como camponesa, percebi as lutas diárias para produção de existência e acesso a qualidade de vida, buscando de forma gradativa, a emancipação, pondera-se que e o conhecimento aliada com as lutas somadas junto ao assentamento, ao longo do tempo, foram um dos fatores que serviram como uma ferramenta de resistência diária.

Entre os objetivos específicos desta pesquisa, objetivou-se, analisar as contradições e razões pelas quais os jovens permanecem e/ou saem do assentamento, compreender as diferentes dimensões de resistência da juventude do assentamento, verificar a participação política dos jovens pela emancipação do assentamento, e ainda, explicitar as causas da saída e permanência da juventude do assentamento.

Sabe-se que que o “novo” rural, na perspectiva do capital, é o esvaziamento do campo, contraindo assim o aglomerados nos centros urbanos, deixando assim o campesinato sem sucessões. Os jovens veem-se em constantes contradições, o que acaba acarretando na evasão do campo.

A evasão do jovem do campo é uma problemática que vem sendo enfrentada á muito, e decorre de vários estudos que buscam por respostas de o porquê isso

vem ocorrendo com frequência em grande parte do meio rural, tanto em grandes assentamentos criados pela reforma agrária, quanto pequenas propriedades desenvolvidas na zona rural.

Uma das hipóteses abordadas, e que aparecem de forma contundente no trabalho, é a de que, as políticas públicas não atendem as demandas do campo e dos sujeitos que lá vivem, contribuindo assim, para a evasão desses jovens. O referido trabalho ainda, tem como metodologia, análise bibliográfica e documental (PPC), bem como os resultados da pesquisa de campo realizadas por meio da entrevista semiestruturada. A pesquisa aconteceu no próprio assentamento, mais especificamente no ano de 2017.

Ressalta-se ainda que, o trabalho estrutura-se da seguinte maneira: num primeiro momento, a Questão Agrária virá corroborar com o processo de luta pela conquista da terra no assentamento já mencionado, logo em seguida, fez-se necessário trazer o histórico do já referido assentamento, bem como o objetivo de traçar um paralelo entre sujeitos que lá vivem, e a realidade enfrentada por estes, ainda, o penúltimo capítulo retrata as lutas diárias dos assentados, como estes resistem mesmo com tantas dificuldades e o abandono por parte das órgãos governamentais e afins. E por fim, a sistematização das entrevistas semiestruturadas, aplicadas com a juventude do assentamento, com a finalidade de trazer o perfil de vida e de luta da juventude estudada.

Entende-se que o escrito contribuirá para que outros jovens tendo acesso, possam sentir-se entusiasmados a continuar produzindo sua própria armadura de resistência, contrapondo-se ao modelo capitalista e, colocando-se cada vez mais forte e suscetível a lutar pela valorização da sua identidade, aqui neste caso, a identidade camponesa.

2 A CONQUISTA DA TERRA NO ASSENTAMENTO CELSO FURTADO¹ QUEDAS DO IGUAÇU, PR

“Reforma agrária” para solucionar “questão agrária” (MENDONÇA, 2006.pg 83)

O assentamento em questão, possui processos históricos de luta e determinação assim como qualquer outra ação que se faz necessário travar. Lutas essas efetivadas por meio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que são determinadas pela ocupação de latifúndios para produção da existência familiar e dos demais sujeitos sem-terra.

O movimento dos trabalhadores rurais sem-terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná: lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores. (CALDART, 2000).

A necessidade de escrever algo sobre a juventude do ACF surgiu a partir do momento em que se observou o alto índice desses jovens evadindo-se do mesmo, por várias razões, estas, consideradas como causa principal, a não existência de políticas públicas suficientes e adequadas a realidade desses jovens. As resistências que se houve nesses processos, também serão ressaltadas no decorrer do escrito, haja vista que, o referido leva o título de maior assentamento da América Latina.

A Questão Agrária sempre foi uma dimensão de discussão para vários estudiosos, é neste sentido que, busca-se trazer para a realidade toda essa problemática que perpassa a realidade. É partindo deste pressuposto, que esta

¹ No decorrer do trabalho o nome do assentamento em questão, Assentamento Celso Furtado, será denominado pelas iniciais ACF, como forma de facilitar a escrita e logo, dar um caráter próprio para o mesmo.

pesquisa trará sua contribuição, para que se possa compreender como esse processo de luta se faz necessário para atingirmos minimamente os direitos que nos são cabíveis. Pensando nesses processos de resistência, os autores que contribuem para com essa problemática, nos mostram caminhos perseverantes, que não são simples de concretizar, mas que no decorrer dos anos, e com o desenvolver do capitalismo, não resta outra saída, senão a ação diária por uma sociedade justa e igualitária para todos.

2.1 AS CONTRADIÇÕES DA FORMAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL

Quando apresentamos a Questão Agrária no Brasil, as ideias mais remotas tendem a nos levar a colonização. Logo, tem-se os Portugueses como forte referência, tendo em vista que estes chegaram e determinaram seus princípios individuais como forma de se apoderar não somente de latifúndios, mas também outros elementos considerados cruciais para se obter a gene do poder e da riqueza.

Desde o século XVI quando o Brasil ainda era Colônia do Império Português, a divisão de terras, reafirmaria cada vez mais forte o conceito da divisão de classes, isso só se tornaria possível a partir da notória visão de poderio que os Portugueses tinham sobre as capitanias (terras) do Brasil.

Para Chiavenato (1939, p.30), o sistema de sesmarias iniciado pelo Rei de Portugal, não rompe com a Lei de Terras, muito pelo contrário, ela contribuiu para que o latifúndio sobrevivesse e se consolidasse cada vez mais forte. Com isso, compreende-se que, os Portugueses são uma das referências mais contundentes quanto a intensificação do que hoje denominamos divisão de classes e hierarquia.

Com essa imposição social de classe, os trabalhadores daquele momento, resistiam e lutavam, porém sem êxito, estes por sua vez, tratavam-se de operários que serviam a elite Portuguesa. Observamos então, que se inicia daí o que hoje denominamos latifúndio e divisão das classes sociais, onde poucos possuem muito, e, muitos possuem pouco. A concentração fundiária no Brasil, atravessa intacta todo o período de desenvolvimento, pois, segue essa lógica de poucos possuem muito, e uma minoria não possuir praticamente nada.

O Estatuto da Terra², surgiu em 18 de Setembro de 1964, onde pretendia-se organizar a propriedade privada no Brasil, com o objetivo central dessa lei, era a de impedir que imigrantes se tornassem proprietários de terra se tornando concorrentes aos latifundiários, era permitido a obtenção de terra, somente por compra, venda, ou doação do próprio estado.

Em 1964, esta mesma lei foi reformulada pelos militares e tinha como objetivo, frear e controlar as reivindicações populares, a principal preocupação, era a de evitar uma possível, eclosão de uma revolução camponesa e logo, tranquilizar os grandes proprietários de terra. “O Estatuto da Terra, visava por meio da reforma fundiária, ampliar o mercado interno e configurar uma classe média rural consumidora de produtos industriais” (MENDONÇA, 2006, pg. 37) - Essa trajetória tornou o país uma grande potência com elementos considerados á muito tempo, templos de riquezas.

[...] “Se há questão agrária, tem de haver um jeito de resolver tal problemática, esse caminho seria a própria reforma agrária” (SAMPAIO, 2013 p.94) - isso consistiria em, destruir as forças de poder que predominam o mundo rural e impõe uma nova dinâmica no campo. Ainda, este mesmo autor constata que essa dinâmica é perversa e corrosiva, onde vai culminando no desgaste do campo. Para que isso se extermine de vez, será necessário substituir esses poderes do capitalismo, por poderes da força de união de luta de classes, onde constituir-se-á a essência da reforma agrária.

Em meados de 1964, o país passava por crise econômica, dentre todas as esferas que foram atingidas pelas exigências do capitalismo, estava a agricultura, desenhada nos moldes do capitalismo, como “modernização” surge então, a necessidade da reforma agrária. (MENDONÇA, 2006, pg. 35).

Com isso fica evidente que, de fato a questão agrária precisa estar sempre em contato com as novas dinâmicas que vem sendo implementadas, precisa sempre ser palco de discussões, e ainda, manter o olhar crítico sobre como o capitalismo vem se desenvolvendo. Como já frisado, este vem supostamente contribuindo para que a dinâmica do campo se desmantele.

² (Disponível em: <<http://reforma-agraria-no-brasil.info/estatuto-da-terra.html> > Acesso em 2017)

Com a chegada da “modernização” da agricultura, agravou-se não somente o fato da exclusão social do campo, mas também as cidades, em consequência da intensa migração de contingentes de trabalhadores rurais desapropriados em direção às regiões metropolitanas, vindo a engrossar o contingente de miseráveis urbanos, igualmente desprovidos de direitos mínimos de cidadania (MENDONÇA,2006, pg. 73).

Entretanto, a conquista da terra, a luta dos movimentos sociais, e a força da união dos trabalhadores, vai aos poucos transformando o campo uma resistência frente as batalhas que o campo/rural vem enfrentando a vários séculos. O ACF, é grande exemplo de luta e determinação de agricultores (a), jovens e crianças que fizeram de suas vidas, desafios, união, alianças, para então que na concretude, os sujeitos do campo, sigam sendo reconhecidos com o valor que merecem.

Podemos evidenciar que a Questão Agrária em tese, não é despreendida no tempo, pelo contrário, ela retoma cada vez mais modelada, isso se reafirma nas palavras de José Martins de Souza (1999).

O ponto essencial e problemático raramente considerado, mesmo por quem é sério e competente, é o de que a questão agrária tem a sua própria temporalidade, que não é o “tempo” de um governo. Ela não é uma questão monolítica e invariante: em diferentes sociedades, e na nossa também, surge em circunstâncias históricas determinadas e passa a integrar o elenco de contradições, dilemas e tensões que mediatizam a dinâmica social e nela a dinâmica política. (MARTINS 1999, p.98-99).

Pensando ainda nessa temporalidade ao qual Souza se refere, passamos a analisar a reforma agrária/ questão agrária, com uma vista mais sublime, de tal modo a pensar que, essa “rejeição” ao fortalecimento do campo, do camponês, ela sempre existiu, o que podemos dizer é que essa forma de tentar excluir a classe trabalhadora só veio a se engendrar cada vez mais forte com o passar do tempo. “A questão é, portanto, essencialmente uma questão histórica” - (SOUZA, 1999, p. 99).

Para Souza (1999), com o passar do tempo, a partir das circunstâncias em que a sociedade se encontrava, a terminologia da questão agrária também aderiu a mudanças, e várias instituições haja vista iam cooperando para que esta se fortalecesse cada vez mais.

No Brasil, não raro, durante quase um século, a questão agrária se expressou por meio de tensões religiosas, de confrontos sangrentos entre o catolicismo popular e o catolicismo institucional ancorado no aparelho de estado, mesmo com a separação entre a Igreja e o Estado da era republicana. Portanto, uma questão agrária que se torna questão religiosa,

que se torna questão política, que se torna questão policial, que se torna questão militar, como aconteceu em Canudos, no Contestado e em vários outros episódios das lutas sociais no campo, incluindo episódios relativamente recentes, do tempo da ditadura. Um balanço apropriado do conflito fundiário nas últimas décadas nos revelaria que ele é apenas um subtema de conflito maior e mal definido entre o Estado oficialmente laico e a Igreja. (SOUZA, 2000, p. 99).

Para Mendonça (2006, pg.79), a “questão agrária” consiste numa longa história de luta social, denomina-a “velha” e ampla, já a “reforma agrária”, consiste numa ação mais recente, imbricada por volta de 1950, do século. Esta atuação implica na expectativa de um projeto concreto, que se materializaria no presente, na expectativa de um futuro tido como melhor.

Para Janata, (2012), o MST, busca de forma emancipadora trazer para junto de si pessoas que buscam pela unanimidade do espírito de luta, é por esse e tantos outros motivos que surge tal movimento, como fonte de luz e utopias para os trabalhadores rurais - A organização coletiva dos trabalhadores rurais destituídos de seu meio de produção é um elemento de expressão da contradição e da luta de classes.

O capital gera os sem-terra e, com eles, a possibilidade da construção de uma força contrária que põe em luta um contingente de trabalhadores, com todo o simbolismo e referência de luta e organização que é peculiar ao movimento social que o constitui, o MST (JANATA 2012, pg. 53).

[...] Não há pois como esperar do desenvolvimento do capitalismo na agropecuária brasileira e muito menos da extinção da parceria uma elevação dos padrões da massa trabalhadora rural [...] (JÚNIOR, 2005, pg. 79). Compreende-se com este escrito que, o caminho para o campo manter sua identidade, é se atentar-se em encontrar aberturas que os afastem das mazelas do sistema vigente.

Os trabalhadores rurais alcançarão uma posição melhor na luta por suas reivindicações imediatas, e mais facilmente se beneficiarão dela, na medida em que as oportunidades de trabalho e ocupação forem unicamente as proporcionadas pelos grandes proprietários (JÚNIOR, 2005, pg. 80). Porém, essas formas de luta, devem estar sempre em constante dinâmica uma vez que o capitalismo avança de forma avassaladora.

Para Fernandes (2008) “lutar pela reforma agrária, significa lutar por todas as dimensões do território, entre elas a tecnologia, o mercado, a educação, saúde e,

principalmente, contra o capital que procura tomar o controle dos territórios do campesinato” (FERNANDES, 2008, pg. 03).

Dentre todas os debates já mencionados aqui sobre o que de fato se denomina Questão Agrária, Mendonça (2006) no uso de suas atribuições declara sua visão, colocando como ela descreve e analisa esse termo tão importante, e portanto muito discutido.

A Questão Agrária aqui se entende como um conjunto de inter-relações e contradições derivado de uma estrutura fundiária altamente concentrada que, por seu turno, também determina a concentração de poder econômico, político e simbólico, criando estruturas de sujeição da população rural e uma cultura incompatível com um tipo de exploração racional da terra definido pela fala prática oficial como a “mais adequada” para o desenvolvimento nacional. (MENDONÇA, 2006, pg. 78).

Para Stédile (2012), a questão agrária em ação, nas últimas duas décadas, tem tomado inúmeras proporções diferentes, de um lado entende-se que, a visão burguesa da agricultura, persiste em parafrasear que a mesma tem se intensificado quanto á seu desenvolvimento lado ao capitalismo, em contrapartida, aumentando a produtividade de terras.

Por outro lado, com um olhar limitado, tem-se que essa concentração da propriedade e seu uso, já não mais se apresentam como um problema agrário no Brasil. A questão agrária sempre esteve relacionada com os conflitos por terra; analisá-la somente neste âmbito é uma visão redutora, porque, por serem territoriais, eles não se limitam apenas ao momento do enfrentamento entre classes ou entre camponeses e Estado (FERNANDES, 2013).

Já para Martins (1999), a questão agrária é, em termos clássicos, o bloqueio que a propriedade da terra representa ao desenvolvimento do capital, à reprodução ampliada do capital. Esse bloqueio pode se manifestar de vários modos. Ele pode se manifestar como redução da taxa média de lucro, motivada pela importância quantitativa que a renda fundiária possa ter na distribuição da mais-valia e no parasitismo de uma classe de rentistas. Não é manifestamente o caso brasileiro, ou não o é especialmente, embora também o seja de um modo indireto. (MARTINS, 1999, pg. 98-99).

Com isso, conclui-se que, a Questão Agrária em suma, são as várias discussões que se assemelham entre si, com o intuito de efervescer as várias contradições existentes na atualidade, pondo em pautas questionamentos que são

de importância incalculáveis para o futuro não só do campo/rural, mas sim da identidade camponesa. Pondera-se também o desempenho que o ACF vem desenvolvendo frente a esses embates diretos com a modelo vigente, o que se espera é que o mesmo consiga se sobressair de forma a considerar ileso desse sistema.

3 LIMITES E POSSIBILIDADES: O POVO EM LUTA PRODUZINDO ESPERANÇA

O Assentamento em questão, está situado no município de Quedas do Iguaçu³, que conta com uma extensão territorial de aproximadamente 821,503 km² de terra, sendo mais da metade dessas terras, uma vez provenientes a grande empresa conhecida por Giacommet Marondin, hoje denominada Araupel S/A.

Sendo assim, com mais de cerca de 102.004 hectares de extensão de terras aproximadamente em todo o Sudoeste do Paraná, esta empresa madeireira, de produção de matéria prima desde 1972, a Araupel administra aproximadamente 15.000 hectares de florestas plantadas com as espécies *Pinus taeda*, *Eucalyptus grandis* e *Araucaria angustifolia*, material que serve de suporte à indústria.

O reflorestamento⁴ é proveniente de viveiro próprio, local onde são produzidos mais de dois milhões de mudas todos os anos. As plantações estão distribuídas pelos municípios de Rio Bonito do Iguaçu, Nova Laranjeiras, Espigão Alto do Iguaçu e Quedas do Iguaçu, cidade onde se localiza uma das sedes industriais da empresa. Do plantio à colheita florestal, todas as etapas do processo produtivo são conduzidas visando **à maximização da produção, a melhoria da qualidade da matéria-prima e a preservação das florestas naturais**. Mesmo com as áreas já ocupadas pelo MST no decorrer dos anos, a empresa ainda no uso e suas atribuições, segue desfrutando de uma imensidão de terra, produzindo matéria prima e exportando nacional e internacionalmente.

A Araupel é palco de pesquisas para diversas universidades que tem como objetivo analisar e pôr em prática novas técnicas de plantio e colheita, estudos que possibilitam a implantação de novas florestas com menores impacto no solo, erosão e perda de umidade, favorecendo a devolução nutricional para as novas plantas.

Hoje o município conta, pra além do crescimento demográfico em número redobrado de habitantes, somado ainda, com o aumento em grande escala da economia do mesmo, uma vez que a renda por mês extraída pelas famílias, circulam entre o comércio do então município, contribuindo assim para que este cresça não

³ Descrição do município.

⁴ Descrição de elementos que compõe a empresa Araupel S/A.

somente em população, mas também em outros patamares que fazem parte desta dinâmica.

Imagem 1 - Mata verde, área de reflorestamento por Pinus da empresa Araupel.

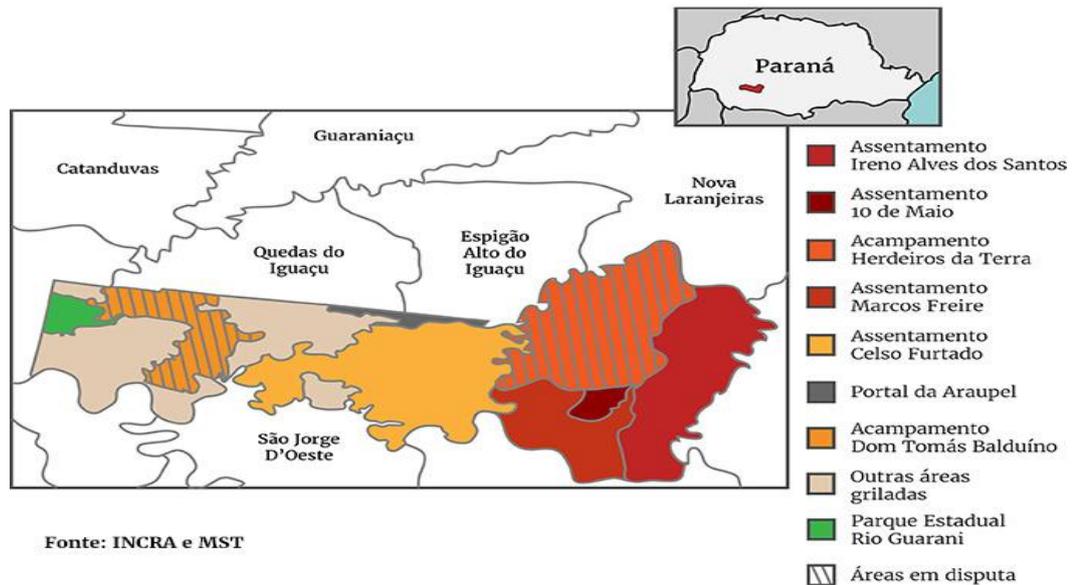


Fonte: www.google.com.br. Acesso em Novembro de 2017.

Desde os anos 90, a empresa abandona uma luta contra o MST, para que não haja reforma agrária neste município. Em 1973, ela passa a ser uma grande transportadora de madeira, como Araucária, para vários estados e também para o exterior, essa empresa possuía um latifúndio imenso, ao qual foi aos poucos sendo ocupada pelo MST, com a intenção de fazer reforma agrária para famílias sem-terra oriundas de toda região. Compreende-se que a luta dos movimentos sociais não tem trégua, ainda há vários espaços e territórios a serem ocupados, não se pode dar lugar para que o germe se prolifere, neste caso, o capitalismo e a opressão.

Figura 1 - Imagem localizando as áreas de terra grilada da empresa Araupel, já ocupadas pelo MST.

Ocupações das terras griladas da Araupel



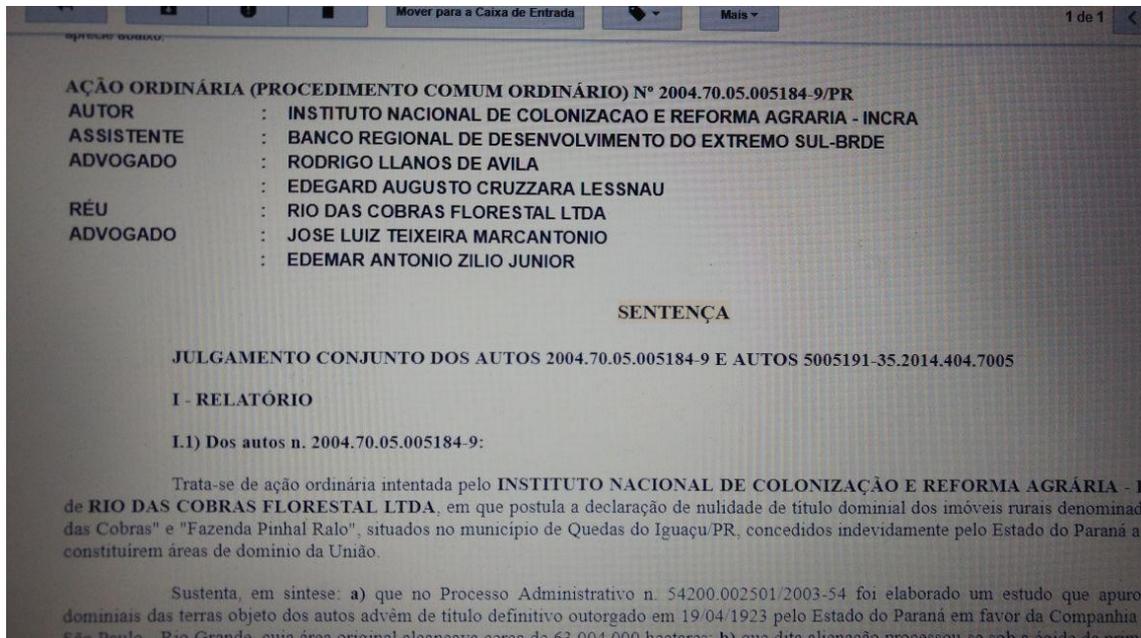
Fonte: PINA; HOSHINO, 2016.

Todavia, como já mencionado no decorrer do texto, pra além das várias outras disputas que esta perpassou, a empresa volta no ano de 2017, a travar diversas batalhas judiciais, onde contesta que as terras são de fato, de sua propriedade, no entanto, em Agosto deste mesmo ano, a justiça determina por meio de liminar que, as terras não pertencem a empresa, mas sim a união, deixando em evidencia que ambas podem e pra além, devem ser constituídas de reforma agrária.

Com isso, cerca de 1500 famílias⁵ voltam a acampar-se em outras partes do mesmo território, com o intuito de que haja reforma agrária e essas terras sejam distribuídas entre esses. Essa luta, já perpassa três (3) anos, assim como as discussões judiciais, e ainda de tal modo, os trabalhadores seguem no aguardo, acreditando num futuro melhor

⁵ Informações organizadas por PAULA, Geani em 11/07/2016.

Imagem 2 - Item do documento que fez parte da tramitação entre a empresa e o MST.



Fonte: <<https://www.jfpr.jus.br.>> acesso em 2017.

O ACF, está implementado em uma das extensões de maior latifúndio do da região Sul do Brasil, como já citado. Deste latifúndio, soma-se aproximadamente, 8 mil hectares de terra, hoje, com menos de 13 anos de existência, o ACF, possui um número considerável de famílias que evadem.

Das aproximadamente 1090 famílias que foram assentadas ambas oriundas da região Sul e Centro-Oeste, hoje quase 50% não são as mesmas que residem no assentamento. Destas famílias consideradas natas, que viviam no acampamento e logo depois foram assentadas, grande percentual já não residem mais no mesmo. Há várias hipóteses cogitadas para que as famílias tenham tomado tais decisões, entre eles, trocar, vender, colocar terceiros sobre o lote. Lembrando que, essas famílias natas, mesmo que ao longo dos anos foram sendo substituídas por outras famílias, tais quais, trabalham e contribuem para o crescimento do assentamento como um todo, o que houve, foi somente uma troca, não a evasão dessas famílias.

Nesse sentido fica evidente a importância da redistribuição da terra pela reforma agrária, pois mesmo que determinadas famílias evadam-se, outras retornam ao campo e continuam produzindo, e o território camponês continua reformado.

Imagem 3 - Terreno de um família do ACF.



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

O processo de desterritorialização-reterritorialização, passa por diversos momentos até se chegar a sua concretude, portanto, os movimentos sociais, em especial o MST, faz com que os indivíduos que dele fazem parte contribuam para que esses territórios sejam reestruturados. Tanto os agricultores sem-terra, quanto os agricultores atingidos por barragens (MBA) buscam, através dos movimentos sociais, a sua reterritorialização, visto que se trata de indivíduos expropriados de seus territórios, desterritorializados, que migram para novos espaços (MEDEIROS e LINDNER 2014,pg. 266).

Nesse contexto, o MST busca territorializar seus grupos, de maneira que a grande maioria estabeleça algo de caráter próprio, com contexto coletivo, é por esse motivo que se travam inúmeras ações junto ao estado, para que esses elementos sejam garantidos, mas pra isso, faz-se necessário possuir o próprio território.

Dessa forma, torna-se claro que um território representa para o indivíduo que nele habita o seu “espaço de vida”, espaço este, onde ocorre as relações entre os indivíduos nas diversas escalas. Trata-se do lugar onde se luta pela sobrevivência, se mantem as relações políticas, sociais e culturais, o espaço onde se vive, onde se cria identidade, o lugar apropriado pelo indivíduo material e abstratamente (MEDEIROS e LINDNER 2014, pg. 268).

Embora o assentamento esteja passando por esse desmantelamento, principalmente por parte dos jovens, este ainda busca formas de se manter. Isso fica evidente quando um morador (não jovem) (2017), relata o por que ainda permanece no campo, isso sem dúvidas, deixa claro que, apesar do sistema ansiar pela esgotamento pleno do campesinato, os sujeitos seguem resistindo, ainda que sozinhos e sem muito amparo dos órgãos estaduais e entidades federais, seguir lutando é o caminho.

[...] Eu ainda continuo no assentamento porque aqui é meu lugar, sempre fui da roça...por enquanto não me vejo saindo daqui, aqui tenho praticamente tudo, uma coisa que outra que falta mas isso é em todo lugar, fome eu e minha família não passamos⁶. (SUJEITO C 2017).

Um dos elementos a serem analisados e que aparecem fortes no sentido do esvaziamento por parte dos jovens, são as falhas das políticas públicas como já mencionado, o descaso do governo com essas famílias, a falta de estrutura financeira e social como já dito, faz com que o assentamento vá se deteriorando com o passar do tempo. Hoje, cerca de 50% dos moradores deste assentamento, não são mais os mesmos que foram acampados no ano de 1996/2003 e que em seguida foram assentados. O ponto essencial aqui é saber se, essas famílias que ainda vivem, vão conseguir se manter por muito tempo tendo em vista o desamparo que estas vem padecendo por parte do poder público.

Vale ressaltar que, quando mencionado o ACF, deve ficar claro que este não foi a primeiro assentamento a ser intitulado na região, houve-se em outros momentos, outras ocupações que também culminaram na distribuição de terras para os trabalhadores rurais. No ano de 1996, outras extensões foram ocupadas pelo MST e em outros momentos da história, nestas mesmas terras, onde houve-se vários entraves tanto internos, quanto externos no que diz respeito à se concretizar a reforma agrária.

Considera-se que, a partir do momento em que se passa a fazer posse da terra é que vai se encaminhando os trabalhadores para uma sociedade onde se possa reconhece-los com identidade e referência própria. Para Bogo (1996), é incorreto afirmar que a luta de classes não resolve a questão da distribuição da terra e que ela já está morta, pelo contrário, é através dela, que mantemos a utopia de

⁶ Entrevista concedida à autora em 15/08/2017

que a luta de classes possibilitará o capitalismo cair, do contrário, ele continuará mais forte que nunca (BOGO, 1996, p.17).

Na história de luta de classes como um todo, não só no MST, é por meio da luta é que se conquista o que podemos chamar de autonomia. Autonomia essa, que pode ser apresentada como, ter um local para morar, criar os filhos, construir futuro, entre outros elementos que possamos denominar emancipatório.

Quando um assentamento é implantado, possibilitando o acesso à terra a quem ainda não está nela ou garantindo a permanência de quem está mais ainda não possui especificações legais para tal, ocorre a conquista de territórios por parte do campesinato (COCA 2011, p. 217).

Refletindo sobre o que este autor nos coloca, podemos observar que o ACF, vem sofrendo serias consequências pela ausência dos órgãos governamentais que regem tais processos aos quais tornaria cabível o desenvolvimento do mesmo. Seria uma forma de manter o assentamento nos moldes do capital de forma a torna-lo subordinado a ponto de que os camponeses acabem por cansar dessa batalha e se deixem desvirtuar por abandono?

Para entendermos o significado de reforma agrária na atualidade devemos questionar: Quais territórios estão sob os domínios dos camponeses? Quais territórios estão sob o domínio do capital? (COCA, 2011). Partindo desse questionamento, faz-se necessário, fazer essa inter-relação com o ACF, a partir dessa análise será possível ter um olhar crítico onde questionamentos como, quais foram os avanços e retrocessos nesses 13 anos de assentamento, quais as emancipações os próprios assentados conquistaram ao longo desses anos e ainda, o que lhes falta que não é suprido pelos órgãos públicos, são pontos essenciais e principalmente, a participação dos jovens nessa perspectiva, são o que produzirão teor neste trabalho.

O MST tem se consolidado cada vez mais forte, como um movimento de organicidade e resistência frente ao capitalismo, de forma a tornar autossuficiente sua trajetória. Cada vez mais os caminhos para enfrentar as discussões do cotidiano ficam estreitas aos olhos de quem o busca. Para Fernandes (2008), a reforma agrária é o resgate do camponês, porém, esse camponês seria dotado de certa modernidade, onde se busca uma ruptura com de relações partidárias, governamentais e institucionais, tomando assim, um caráter próprio.

O MST desde sua fundação manteve autonomia nas relações com as instituições que contribuíram para a sua formação, como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT), para citar somente as três mais expressivas. Todavia, é fundamental lembrar que o MST também contribuiu com a formação dessas instituições. Essa relação de contrapartida nas formações dessas instituições pode ser melhor compreendida na construção de políticas para a transformação das realidades do país, cujos avanços são limitados pela correlação desproporcional de forças (FERNANDES, 2008, pg. 03).

Fernandes (2008), ainda pondera como o MST, e a reforma agrária tem se mostrado cada vez mais inigualável frente as discussões postas pela modernidade, e mais, descreve como tal movimento consegue ao longo do processo distinguir os passos que se culmina um de seu maiores inimigos, o agronegócio, contrapondo-se e confrontando-o.

Outra característica da modernidade do MST é saber acompanhar as mudanças das conjunturas políticas. Aliás, esta é uma prática de destaque nos principais espaços políticos do MST, que tem grande relevância para a defesa de sua resistência contra o capital. A participação do MST na Via Campesina muito contribuiu com essa compreensão. A maior e melhor compreensão das realidades é possível quando se acompanha as lutas de movimentos camponeses de vários países do mundo. O inimigo comum dos movimentos camponeses em todo o mundo chama-se agronegócio. (FERNANDES 2008, pg. 03).

Com isso, compreende-se que, não só o MST, mas sim, tantos outros movimentos sociais originam-se com o objetivo de esquadrihar a seus membros, a luta pela garantia de direitos, o reconhecimento da identidade própria, e ainda, o fortalecimento do rural e do trabalhador.

3.1 A LUTA DE CADA DIA NO ACF: AS ESTRADAS

Dentre as dificuldades já elucidadas ao longo do trabalho, as estradas e as escolas pertencentes ao assentamento, terão um foco maior por serem elementos que condizem, perpassam e fazem parte da vida dos sujeitos que lá vivem, de forma inquestionável. A escola por ser a instituição em que comporta todos os filhos (a) das famílias que lá moram, bem como todo processo de luta para consolidação e aceitação destas dentro do assentamento, e as estradas, focalizando o abandono que as mesmas vem se passando á muito tempo, levando assim, ao descaso com as famílias pertencentes.

Há vários outros elementos que também aparecem fortes dentro do assentamento quando trata-se de políticas públicas, principalmente as questões que retratam como é ressaltada a questão econômica dos assentados. A imagem (4), retrata o descaso evidencia em um dia chuvoso, como o acesso as estradas ficam impreterivelmente impossível de trafegar.

Tomando como eixo centrais, elencar-se-á, alguns fatores principais outros secundários, mas não menos importantes como base para a discussão de como é a luta de cada dia dos trabalhadores do ACF. Os processos de resistência denominados as famílias vem se arrastando desde o início da distribuição dos lotes, entretanto, mesmo em meio as dificuldades, as famílias trabalham na perspectiva de manter-se e logo, prestar sua contribuição para a queda dos paradigmas que afloram hora superficiais, hora preocupantes.

Compreende-se que mesmo passando por inúmeras deficiências, o assentamento vem se consolidando como ferramenta de luta para outros desbravamentos pela busca pela efetivação da reforma agrária, o que se evidencia nas novas ocupações organizadas nos últimos 3 anos nessa região.

Pondera-se que o governo não faz questão de contemplar essa demanda, porém, os movimentos sociais, juntamente com as famílias camponesas, trilham no sentido de encontrar sempre mais formas de resistir e se consagrar na sua essência.

As lutas de cada dia do povo trabalhador do ACF, são as mesmas enfrentadas por todo e qualquer indivíduo em condição de sobrevivência. As dificuldades enfrentadas pelos camponeses, assemelham-se também as dificuldades enfrentadas pela população que vive nos grandes centros urbanos, são poucos os elementos que contrariam-se um ao outro, assim como o campo a cidade também necessita de estradas, de escolas, de lazer, valorização de identidade, afinal, todos esses elementos estão amarrados, se um destes se desprende, desmontar-se-á toda sua estrutura.

Imagem 4 - Estradas do Assentamento ACF



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017

Nesta imagem, fica nítido o caos em que se encontra as estradas no assentamento, como esta depende dos maquinários da prefeitura do município, fica a critério da mesma, mandar ou não as referidas ajudas para o assentamento. Os vereadores que representam os assentados, travam batalhas diárias para que o ACF seja tratado como parte do município e não o contrário, porém, dentre essas discussões, quase sempre o assentamento fica à mercê do descaso.

Como já mencionado, a questão econômica das famílias, provém da atividade leiteira, calcula-se que, mais de 70% da população assentada, trabalha na perspectiva da pecuária leiteira, retirando desse trabalho, o montante mensal que irá suprir as demandas das mesmas. O difícil acesso as estradas, principalmente nos períodos de chuva, tem comprometido o transporte dessa produção para fora da cidade, fazendo com que muitas vezes, ocorra o acúmulo desse produto, levando assim ao desperdício do próprio como retratado na imagem.

Imagem 5 - Transporte de leite no assentamento ACF



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Ao que se pode observar na imagem, após todo um processo dificultoso, para possivelmente chegar ao destino final, o leite produzido em destaque, acaba por ser perdido. Esses fatores vão contribuindo para que os jovens acabem deprimindo-se, e não notem mais perspectiva de futuro no assentamento, pois, todo trabalho, é visto por eles como algo rotineiro, pra cumprir tabela, e não para prosperar.

3.2 DAS ESTRUTURAS DAS ESCOLAS

Outro fator a ser desatacado aqui, é o processo de resistência pelas quais as escolas do assentamento perpassaram. Após anos de luta o Colégio Estadual do Campo Chico Mendes, enfim sai da teoria e se concerne na prática. O processo de transição do Colégio caminhou por exatos 9 anos, e somente no final de 2016, início de 2017, a nova estrutura fora entregue a comunidade Renascer, uma das comunidades membros do ACF, onde se encontra a sede do novo colégio.

Quando se fala em educação não refere-se somente a aprendizagem, mas sim e todos os âmbitos que a perpassam, não haverá ensino-aprendizagem se não

houver uma sala de aula de qualidade, uma carteira/cadeira confortável, um refeitório arejado e aconchegante, enfim um ambiente que faça com que alunos, professores, e funcionários se sintam bem, haja vista que a escola é vista como parte da rotina diária de quem está nesse âmbito, uma vez que grande parte dos profissionais envolvidos passam parte do tempo na escola.

Sabe-se que a educação é um direito de todos, assim consta na Constituição Federal de 1988, Art. 205.

Art. 205: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Constituição Federal, 1998, capítulo III).

É neste sentido que o colégio Chico Mendes e Olga Benário Prestes, são colocado como um forte exemplo de resistência frente as políticas públicas, mesmo em meio ao abandono por aproximadamente 9 anos, o Colégio Chico Mendes se manteve invicto na luta constante, tanto da direção quanto a comunidade, fizeram-se em união para que os resultados aparecessem, mostrando assim que, é resistindo que se consagra os sonhos.

Destaca-se ainda, o colégio Olga Benário Prestes, localizado na comunidade Dez de Maio- Bacia, como sendo um marco de garra e busca por reconhecimento, contando com um número de aproximadamente 150 alunos em seu total, o colégio Olga também passou e ainda advém de um entrave constante no que diz respeito a construção de uma nova unidade para a comunidade e seus respectivos, no momento os projetos encontram-se somente no papel porém, a luta incessante para que essa teoria parta para a prática é contínua.

Neste ano de (2017), o colégio em questão, recebeu alguns benefícios oriundos do governo do estado para implementação de reforma na escola, porém, não altera o procedimento de resistência para a consolidação da nova unidade. Á seguir, algumas imagens que darão ênfase à todo esse percurso caminhado por ambos os colégios.

Nesse sentido, é válido destacar o movimento de luta e união entre comunidade, famílias (pais, alunos), direção (dirigentes das escolas e do assentamento) aliados pelo mesmo objetivo, a concretização de sonhos em comum, que num longo processo se torna realidade para todos. Entende-se que, todo esse

movimento de busca pela autonomia vai gerando ao longo do tempo um caráter próprio do assentamento.

Imagem 6 - Estrutura do antigo colégio Chico Mendes (Barracão).



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Imagem 7 - Colégio Estadual do Campo Chico Mendes em obra iniciada em 2012.



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Depois de muitos processos arquivados, brigas judiciais e com a Secretaria de Educação do Estado Do Paraná (SEED), ao final de 2016 a comunidade recebe a obra acabada pelo governo de estado. Já no início do ano de 2017, os alunos provenientes de todas as comunidades do assentamento passam a estudar já na estrutura nova, o que leva além de um bom rendimento no ensino-aprendizagem, a satisfação em trabalhar numa estrutura que se concretizou com a luta de todos.

Imagem 8 - Colégio Chico Mendes consolidado no final de 2016.



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Das imagens que serão ilustradas a seguir, retrata-se a trajetória que o Colégio Olga Benário Prestes perpassou no decorrer dos anos de assentamento. Neste momento a união das famílias que residem nesse espaço, deve-se ter um teor mais destacado. Destas estruturas, que estão postas (imagens), observa-se que estas vem de longos períodos de construção, e sempre com reformas.

Essas armações em destaque, segundo relatos dos membros da comunidade, foram construídas com a união os pais de alunos, na ânsia de que com o passar dos anos a comunidade recebesse uma nova unidade, porém, isso até o momento não aconteceu.

O colégio onde os alunos estudam atualmente na comunidade Dez de Maio, é a mesma construída lá em 2000, o único fato que muda, é que as reformas que foram sendo constituídas ao longo do tempo foram ganhando novas formas, porém, o formato e o cenário é o mesmo. Tudo construído com a ajuda dos pais, APMF e comunidade em questão, o colégio passa neste ano de 2017, como já mencionado,

por outra reforma, com verba destinada pela SEED, este recurso, é um montante que visa somente a reforma bruta do colégio, como troca das pinturas das paredes, forro, piso, entre outros elementos julgados importantes.

Imagem 9 - Estrutura do Colégio Olga Benário Prestes no ano de 2000.



Fonte: arquivos fornecidos pela colégio Olga Benário Prestes.

O que preocupa não somente a direção do colégio, mas sim todo corpo docente que perpassaram e perpassam os caminhos pela escola desde o início, é que, com outras reformas já feitas em outros períodos e agora, essa mais recente, fica mais distante o processo de tramite de uma estrutura nova, como ocorreu no Colégio Chico Mendes, tendo em vista que a comunidade, alunos, pais em geral, almejam este sonho há tempo.

Ainda assim, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas ao longos desses anos, a comunidade acredita que tudo pode vir a mudar futuramente, pode ser breve, pode ser tarde, todavia a esperança é que mude. Pra além de todas as questões já perpassadas até aqui, entende-se que a comunidade está sempre aberta a contribuir no que diz respeito a ação coletiva, fazendo com o espírito de luta se fortifique cada vez mais forte.

Imagem 10 - Estrutura do mesmo Colégio em 2007.



Fonte: arquivos fornecidos pelo colégio Olga Benário Prestes.

Imagem 11 - Colégio Olga Benário Prestes em 2017, já com as reformas em andamento.



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Desse modo, percebe-se que ainda que lento, as mudanças vão acontecendo, de forma a priorizar alguns elementos reivindicados pelas famílias e comunidade. São processos prolongados, mas que quando posto em prática, vem a contribuir para com a legitimação das inúmeras demandas que ratificam-se no assentamento.

4 A JUVENTUDE DO ACF: ENTRE A UTOPIA E A REALIDADE

A juventude em tese, não se trata somente da juventude camponesa, mas sim dos jovens numa perspectiva de ver e planejar o futuro. No entanto, o jovem do campo, especificamente do ACF, é descrito através da dinâmica pela qual ele se encontra nos dias de hoje, seus anseios, medos, utopias e resistência, lutando pela permanência e buscando por emancipação principalmente, frente ao modelo capitalista vigente de forma a se tornar autônomo.

O jovem aqui compilado, num primeiro momento será descrito como um jovem real, que almeja uma vida com sonhos, com responsabilidades, ainda que lhes postas com intensidade cedo, e ainda assim não perdendo a juventude em pleno sabor de ser jovem. Por outro lado, a juventude descrita trata-se dos sujeitos que fazem parte da população do ACF, jovens esses que por sua vez buscam junto com suas famílias e dirigentes enaltecer cada vez mais forte o desabrochar da emancipação do assentamento.

A necessidade de escrever e pontuar como a juventude do ACF, luta bravamente faz-se necessário, uma vez que o reconhecimento acaba por se perder com o passar do tempo, ainda que em pouca atuação, pequenas mudanças foram possíveis de ser notadas, e que possivelmente sem a contribuição destes, o assentamento seria passível de menor visibilidade.

4.1 A JUVENTUDE CAMPONESA: EM BUSCA DE UMA NOVA PERCEPÇÃO DE SOCIEDADE

O coletivo de juventude criado por jovens membros do assentamento em questão, não conseguiu se perpetuar por muito tempo, uma vez que somente as mobilizações nacionais não estavam sendo suficientes para que o grupo pudesse contribuir de forma mais eficaz junto com as famílias assentadas. O relato de alguns jovens que fizeram parte do coletivo, deixa explícito que questões políticas também foram elementos que auxiliaram para que o coletivo fosse se desmontando pouco a pouco.

O jovem do campo, pode ser denominado por diversas características, a mais singular aqui, é o jovem que resiste frente as diversas tentações de substituir o

campo pela cidade. Para Kaustsky (1968) os fenômenos que levam os jovens a tomar medidas contrárias está atrelada ao fato de que num primeiro momento a cidade parece oferecer mais oportunidades que o campo, principalmente quando se trata da situação econômica em que esse jovem está passando.

[...] A imigração para os centros industriais e para as cidades se torna um fenômeno cada vez mais generalizado à medida que o comércio progride, que as relações entre o meio urbano e o meio rural se intensificam, que o trabalho do campo se esclarece melhor sobre a situação das capitais e a elas se dirigem com mais frequência [...] (KAUSTKY 1968, p.129).

O progresso desenvolvimentista do campo não colocou como elemento a permanência do jovem no campo. Com o passar do tempo e, principalmente com a chegada da modernização, o campo ficou cada vez a mercê do capitalismo, e com isso vem se desencadeando cada vez mais agravamentos dentro e fora dessa dinâmica.

Marx (1996) em o Capital, nos propõe compreender essas mudanças a partir de várias análises em diferentes períodos de tempo, buscando sempre trazer à tona hipóteses que sejam consideráveis para a compreensão desse desmantelamento do campo.

Com a chegada de máquinas inovadoras para a substituição da mão de obra do homem, este se torna concorrente dele mesmo, uma vez que o sistema de produção capitalista dar-se-á na perspectiva de que o trabalhador venda sua força de trabalho como mercadoria (MARX 1996, p.60), é a partir desse momento que o homem deixa de fazer parte da sua classe e passa a ser um indivíduo que busca alcançar méritos individuais.

O jovem nesse processo de exclusão, contraditoriamente por outro lado, pode ser apresentado como um “salvador”, pois é somente com a sucessão destes para com gerações futuras é que se pode pensar uma continuidade da classe trabalhadora no campesinato. Os jovens neste contexto, são chaves essenciais para que essa luta continue, não somente quando se ocupa determinado território, ela faz-se necessária ser continua sempre, porém, os fatores já elencados, não dão suporte, nem quando se está no processo de ocupação para a conquista da terra, menos ainda, depois que conquista é concretizada.

Um elemento chave para que o campo se mantenha, seria a questão da sucessão porém, esta demanda não acontece na agricultura, há vários fatores a ser

considerados. Para Abramovay (1998), o que acontece nada mais é que a desvalorização e a não confiança nesses jovens de continuar o que a família havia iniciado.

[...] A partir dos anos 70, a agricultura familiar do Sul do país exponha-se a uma dupla ruptura: por um lado, as possibilidades objetivas de formação de novas unidades produtivas encontram-se cada vez mais limitadas, por outro a ideia de que, na sua grande maioria, os jovens do campo destinam-se a reproduzir os papéis de seus pais é cada vez menos verdadeira no interior das próprias famílias. É a partir disso que emerge o que podemos chamar de questão sucessória na agricultura: é quando a formação de uma nova geração de agricultores perdem a naturalidade com que era vivida até então pelas famílias, pelos indivíduos envolvidos nos processos sucessórios e pela sociedade. (ABRAMOVAY 1998, p.36).

A decisão de migrar, resulta do balanço que os indivíduos fazem entre a situação vivida e a expectativa que colocam sobre a nova situação que hipoteticamente se pretende encontrar fora do campo. Não existe um rol de possibilidades que demonstrem ao jovem que ele possa permanecer no campo e com qualidade de vida. Considera-se que grande percentual dos assentamentos hoje, reavaliam todo processo pelo qual passaram lutando pela terra, e depois de terem-na conseguido muitas vezes não veem como se estruturar. Para Graziano (1980), está muito claro qual a finalidade da reforma agrária para os trabalhadores:

A reforma agrária que os trabalhadores em geral reivindicam não é a pulverização antieconômica das terras, é sim, uma redistribuição da renda, de poder e de direitos, aparecendo as formas multifamiliares e cooperativas como alternativas viáveis para o não fracionamento da propriedade. Em resumo, não desejam a mera distribuição de pequenos lotes, o que apenas habilitaria a continuarem sendo uma forma de barateamento da mão de obra para as grandes propriedades, mas almejam uma mudança na estrutura política e social sobre o campo, sobre o qual se assenta o poder dos grandes proprietários de terra. A reforma agrária é para os trabalhadores rurais uma estratégia para romper o monopólio da terra e permitir que possam se apropriar um dia dos frutos do seu próprio trabalho. Para tal é necessário eliminar o latifúndio e incidir sobre dominação parasitária da terra, desde o caso daqueles que deixam a terra inculta à espera de valorização imobiliária, até os que a utilizam para repassar recursos financeiros aos Pequenos produtores rurais. (GRAZIANO, 1980, p.36).

Sendo assim, fica evidente que mesmo cambaleando os assentados mantêm o campesinato como uma forma de se contrapor ao estado. Conquistar a terra é um sonho dos trabalhadores sem-terra, mas não é só isso, tem que haver suporte, interesse por parte de órgãos superiores uma vez que sozinhos, os sujeitos frutos do campo não conseguiram caminhar entre tantos elementos que são passíveis para a

sobrevivência no campo. Nesse sentido fica explícito que a permanência do jovem no campo está diretamente relacionado ao modelo agrário brasileiro.

A questão agrária no Brasil sempre incluiu na sua dimensão desenvolvimentista a concentração de terras nas mãos de poucos, é neste sentido que surge a necessidade de criar um movimento que venha se contrapor em luta para que esses latifúndios sejam distribuídas de forma igualitária para aqueles que de fato querem produzir e proliferar seus feitos. Pra isso incluímos o MST, que tem como objetivo, incluir trabalhadores e trabalhadoras que munidos de coragem, façam-se em luta, para que aos poucos a dinâmica capitalista vá se extinguindo.

“Há 30 anos, em Cascavel (PR), centenas de trabalhadores rurais decidiram fundar um movimento social camponês, autônomo, que lutasse pela terra, pela Reforma Agrária e pelas transformações sociais necessárias para o nosso país. Eram posseiros, atingidos por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores... Trabalhadores rurais sem terras, que estavam desprovidos do seu direito de produzir alimentos. Expulsos por um projeto autoritário para o campo brasileiro, capitaneado pela ditadura militar, que então cerceava direitos e liberdades de toda a sociedade. Um projeto que anunciava a “modernização” do campo quando, na verdade, estimulava o uso massivo de agrotóxicos e a mecanização, baseados em fartos (e exclusivos ao latifúndio) créditos rurais; ao mesmo tempo em que ampliavam o controle da agricultura nas mãos de grandes conglomerados agroindustriais. Mas seria injusto dizer que começamos ali. A semente para o surgimento do MST talvez já estivesse lançada quando os primeiros indígenas levantaram-se contra a mercantilização e apropriação pelos invasores portugueses do que era comum e coletivo: a terra, bem da natureza” (MST,2017).

Analisando esses dados, pode-se fazer um balanceamento de que a questão agrária precisa estar sempre em discussão, pois, ainda que transcorra a distribuição de terras, a garantia mínima de sobrevivência desses sujeitos acontece gradativamente, com isso, só se reafirma o objetivo do MST, que é transparecer que este espaço seja alternativa de mudança de vida, onde, crianças, jovens e adultos possam produzir e crescer de forma ilimitada.

A própria imagem de um jovem distante do campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais (CASTRO 2012, p. 439). Pensando neste sentido, em caminhos alternados para os jovens, a juventude rural vem a agregar destaque por fazerem parte de uma outra lógica, a da vida no campo, com dinâmica diferente, com contrastes fortes e com identidade intensa. O que se espera desses jovens é que,

estes sejam valorizados enquanto sujeitos oriundos e vindos de classe trabalhadora, que ele se sinta parte do mundo em que vive, podendo atuar, ouvir e ser ouvido como um cidadão de voz ativa que pode e deve contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Nas áreas rurais o problema com drogas, criminalidade, prostituição etc., são menos registrados, por serem mais independentes, a grande maioria dos jovens rurais optam por levarem a vida nas mais leves implicações. Essa independência se dá por conta da própria característica do rural, onde cada um/uma vive de forma a criar sua independência e levar seus legados as gerações futuras, nunca deixando o perfil e a ideologia do campo desaparecer pois, sabemos que serão esses jovens que continuarão a luta e a permanência do campesinato.

Por outro lado para Castro (2012), os jovens estão fortemente associados à “migração”, mas nesse caso, menos como estratégia familiar, e mais como um “problema” de desinteresse pela “vida no campo” e da produção familiar (CASTRO 2012. p. 439).

Ainda seguindo com a preocupação em encontrar uma resposta que nos seja plausível em relação a evasão do campo de forma geral, Stropasolas (2006), em um de seus escritos, pondera que a insuficiência socioeconômica é um dos fatores determinantes que irá demandar se é ou não possível permanecer no campo, principalmente na visão da juventude. Para ele, a evasão ou êxodo rural tanto de jovens quanto de adultos em questão dar-se-á, pela ausência de unidades que mantenham o campo sempre em harmonia e sintonia como o mundo real, não excluindo-os, e diminuindo-os, acima de tudo, subestimando a essência que a reforma agrária traz para a sociedade. Strapasolas afirma que:

[...] a saída dos jovens do campo, atribui-se facilmente, devido às más condições socioeconômicas, mais que isso, é a possibilidade limitada de realização pessoal de moças e rapazes frente as expectativas que lhes acompanhavam. Por não serem donos das terras, estes, não disponham de liberdade para investir em novas ideias, recriar novos valores [...] (STRAPASOLAS 2006, p.15).

Percebe-se que o ACF em questão, mesmo com a ausência de subsídios como já elencados, cabe a quem ainda permanece resistindo, seguir lutando para que a união da classe trabalhadora se faça cada vez mais eficaz e assim, ir conseguindo aproximar-se de sua autonomia. Reafirmando-se nas palavras do

sujeito B, quando indagado sobre o que o mesmo pensava em relação aos órgãos públicos para com o assentamento, ele diz:

(...) Há um abandono por parte do INCRA sim, tendo em vista que este é o único órgão federal que os assentados pensam em procurar para cobrar alguma reivindicação. Porém quase sempre sem sucesso, nós enquanto juventude participamos de mobilizações informais, sempre buscando trazer alguma benfeitoria para o assentamento/acampamento, mas nem sempre, ou melhor quase nunca somos atendidos. (SUJEITO B, 2017).

O estado ainda não oferece recursos que façam com que os jovens permaneçam sem sentir-se cativos no campo, e quando o faz, nem todos conseguem ter acesso. Busca-se encontrar formas que estes passem a ver o assentamento como um elo de ligação entre o futuro e o desenvolvimento do campesinato em questão. Hoje um dos poucos programas que tem um olhar voltado para o jovem é o Projovem Campo- Saberes da terra⁷. Este como sendo um dos poucos projetos voltado pra juventude do campo, quando se tem acesso é muito limitado, alguns conseguem aderir outros não, o que se torna um tanto quanto desanimador para o jovem.

Neste sentido, no ano de 2014, o MST juntamente com pessoas que almejam um futuro através da terra, organizam-se em luta e constituem o acampamento Herdeiros da Terra de 1^a de Maio, com objetivo de ocupar mais uma extensa área da já citada empresa Araupel S.A. Cerca de aproximadamente 3 mil famílias seguem dentro da sua própria organicidade, a sede de constituir um pedaço de chão para produzir.

Não muito distante, aproximadamente na segunda metade do ano de 2015, outro grupo, agora constituído pela maioria como sendo filhos de assentados, oriundos não só da região, mas também de fora dela, partem em busca da sua autenticidade. Cria-se uma nova ocupação, desta vez os protagonistas dessa história são os filhos de assentados. Destaca-se as comunidades (Silo e Bacia), como recorde no sentido de número de jovens que foram para tal ocupação.

⁷ O Projovem Campo - Saberes da Terra oferece qualificação profissional e escolarização aos jovens agricultores familiares de 18 a 29 anos que não concluíram o ensino fundamental. O programa visa ampliar o acesso e a qualidade da educação à essa parcela da população historicamente excluídas do processo educacional, respeitando as características, necessidades e pluralidade de gênero, étnico-racial, cultural, geracional, política, econômica, territorial e produtivas dos povos do campo.

Conhecido num primeiro momento como “Projeto 4”, hoje batiza-se com o nome Dom Tomás Balduino⁸, essa nova organização, miscigena-se dentre famílias e a juventude que seguem fervorosa pela distribuição das terras na região do município de Quedas do Iguaçu-PR. Como já mencionado, grande parte desses sujeitos são filhos de assentados que podem ser denominados filhos da luta, por assim seguirem, objetivando seguir os sonhos e utopias dos pais frente à reforma agrária.

4.2 A PERCA DE COLETIVIDADE: “SONHO QUE SE SONHA SÓ, É SÓ UM SONHO QUE SE SONHA SÓ, MAS SONHO QUE SE SONHA JUNTO, É REALIDADE⁹”

A já citada pesquisa possibilitou, a apreensão da realidade vivenciada pelo jovem do ACF, permitindo compreender que, um dos maiores anseios dos jovens em sua comunidade, é poder contribuir para com ela, sentir-se parte, porém, isso não se consolida sozinho (a), faz-se necessário pôr em prática o poder da coletividade.

O coletivo de juventude do ACF, deixou marcas. Ao analisar seu histórico, percebe-se que o mesmo não sobreviveu ao desmantelamento frente ao descaso com a juventude. Segundo relatos dos jovens que faziam parte do coletivo, o mesmo possuía muitos projetos e anseios, que no decorrer do tempo algumas coisas foram se concretizando outras nem tanto. Fica evidente na pesquisa que, a força da coletividade, da unidade é artefato chave para que os assentamentos em geral consigam chegar a sua emancipação.

Ao reafirmar a importância que o coletivo de juventude expressou no ACF, a contribuição na fala de um jovens, o qual fez parte do coletivo, situa que se nos dias atuais existisse tal força, sem dúvidas o assentamento em questão, estaria num patamar mais elevado, no que diz respeito a visibilidade e reconhecimento de luta de classe.

⁸ O acampamento Dom Tomas Balduino foi ocupado no dia 06 de Julho de 2015, por cerca de 1500 famílias oriundas de toda região, dentre esses ocupantes encontra-se grande número de jovens filhos de assentados, que continuam fazendo parte da luta por um pedaço de chão.

⁹ Este trecho faz parte da canção de Raul Seixas “Prelúdio” que está incluso no álbum- Maluco beleza de 2003 que nos remete a sonhos que possivelmente se tornar-se-ão, realidade através da coletividade, nos leva a compreender que, sozinho pouco se consegue, unidos, se vai longe.

Na perspectiva da formação de seus militantes o Movimento, desde suas origens busca construir de forma emancipadora a parte educacional de sua juventude, a fim de consolidar de forma perpetuária sua ideologia frente as contradições e violência do sistema capitalista. Neste sentido desde o período de acampamento, a juventude sem-terra do assentamento Celso Furtado, sempre buscou se organizar através de grupos de jovens, coletivos de juventudes ou grêmios estudantis, no intuito de discutir e contribuir nas discussões frente às linhas de atuação dentro do MST e o papel da juventude dentro de cada espaço e território. Porém o MST, como outros movimentos sociais, é formado por pessoas, e esta alicerçado em uma sociedade que por sua vez, de forma natural ou construída, exhibe suas contradições, seja elas políticas ou sociais, apresentando-se na forma do tradicional patriarcado ou na disputa de poder, limitando muitas vezes assim a formação de novos dirigentes e o protagonismo da juventude dentro da organização. (SUJEITO A 2017).

Um dos objetivos deste coletivo de jovens, foi de somar forças com as comunidades e tomar partido a partir de algumas discussões que se fazem pertinente não só para a juventude, mas sim para o assentamento de maneira geral, com isso, o mesmo ia somando-se a outros jovens, incluindo até mesmo jovens da cidade.

Forma-se então em 2012 o “Coletivo da Juventude de Quedas do Iguaçu”, no próprio assentamento, com o intuito de discutir a formação da juventude, que mais tarde iriam contribuir nas discussões que envolviam e envolvem o mesmo, incluindo a questão da permanência destes no campo.

Os debates sempre giravam em torno das possibilidades de garantia de desenvolver a produção e transformá-la em renda a esta juventude, amenizando assim o êxodo rural destes, travando assim, essa necessidade que o jovem vê de buscar formação, emprego e rentabilidade nos centros urbanos (SUJEITO- B, 2017).

Ainda pensando nesta mesma perspectiva de união junto aos assentados, o coletivo em questão, passa a fazer planejamentos um pouco mais audaciosos, tais como a implementação de pequenas associações dentro do assentamento. Isso se reafirma nas palavras do Sujeito A (2017).

Com passar de meses o coletivo se desenvolve e cresce o número de jovens que participam das atividades e formações. Entre 2012 a 2013 o coletivo iniciou a discussão de utilizar a estrutura da escola Roseli Nunes¹⁰, fechada pela gestão vigente naquele período, para desenvolver atividades produtivas de horticultura e panificados que seria comercializados na escola da região pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O coletivo cria então o seu Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ), afim de agilizar e possibilitar a realização e a execução desse projeto.

¹⁰ Escola Municipal que situa-se hoje na comunidade Renascer do assentamento ACF, condiciona a alunos do ensino fundamental Pré- escola ao 5º ano. (DUTRA, Vanessa, 2017)

Durante o desenvolver das atividades o coletivo participou de formações políticas, encontros estaduais, jornadas de agroecologia, marchas, mobilizações, cursos de dirigentes entre outros. Assim também inseriu jovens em cursos técnicos nas áreas de meio ambiente, saúde, gestão de cooperativas, e também em graduações de nível superior como: história, pedagogia, licenciaturas, medicina veterinária, agronomia entre outros. (SUJEITO A, 2017).

Fica evidente o protagonismo do coletivo expresso na fala do sujeito A, quando o mesmo relembra o quanto foi importante e promissor para o assentamento a contribuição desse grupo. Embora o então referido coletivo, perpetuasse por pouco tempo, a intenção e os planos para o futuro do então assentamento eram de um coletivo que pensava a unidade e, pra além disso, buscava a independência dos assentados por demandas que eles mesmos poderiam criar e manter, infelizmente, não conseguiu se manter, mas fica o legado para os jovens que estão em luta, a darem continuidade, para que futuramente possa-se trazer novamente essa aliança para então tornar o assentamento um exemplo de emancipação.

Sendo visto como um grupo promissor, o coletivo passa por vários olhares e discussões, muitas das vezes as pessoas de fora avaliavam o coletivo de forma equivocada, viam essa juventude como uma possível ameaça, principalmente no sentido político. Por esse e outros motivos começa então de forma contínua, o enfraquecimento do coletivo. (SUJEITO A, 2017).

Pra além desses elementos já elencados, a juventude em questão, busca por vários viés a sua autonomia, um exemplo é a continuidade da luta pela terra nos acampamentos já descritos, possibilitando assim o resgate de perpetuação pessoal dentro e fora do assentamento. Ainda pensando em configurações emancipatórias, a juventude busca ingressar nas Universidade com o intuito de trazer consigo o processo de construção profissional de forma a contribuir para o desenvolvimento do assentamento.

No início do ano de 2014 vários jovens do coletivo, ingressam nas universidades e cursos da região Sul, outros assumem atividades no MST em outras regiões abatendo assim as atividades, e mais adiante o desmantelamento do coletivo. Mas com toda a dificuldade e limitações nos processos de construções, o coletivo deixou marcado sua participação e protagonismo de forma concreta e intensa no histórico da juventude sem-terra da região, como um grupo que não se perdeu no tempo mas que formou vários dirigentes e lideranças, e possibilitou formação técnica e de nível superior a seus jovens, e de forma emancipatória elevou a discussão frente o papel e o protagonismo da juventude sem-terra. (SUJEITO A - 2017).

Como já mencionado no decorrer do trabalho, o coletivo de juventude do ACF, não conseguiu se sustentar por muito tempo, porém, o tempo em que atuou, deixou marcas, e lembranças de jovens e famílias que buscavam por prosperidade e autonomia. A participação nas mobilizações, bem como a audácia de constituir algo próprio, foram alguns dos elementos caracterizados por esse povo.

Muito embora os resultados não apareceram de imediato, o pouco que se foi constituindo ao longo dos anos significou valor e visibilidade ao assentamento. Durante o período, destaca-se as mulheres no processo de luta, estas se propuseram a deixar seus planejamentos individuais, para se somar num projeto coletivo, o assentamento e as comunidades tiveram um outro olhar para quem observava por fora, esse pode ser um dos pontos considerados positivos, no sentido de caminhar rumo à autonomia.

Adiante, algumas imagens ilustrativas da trajetória participativa das mulheres e da juventude frente aos desafios postos no cotidiano do assentamento.

Imagem 12 - Mulheres assentadas do ACF no curso de qualificação em panificação no município de Quedas do Iguaçu-PR, no ano de 2014.



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa, 2017.

Os interesses políticos como citado por um dos jovens da pesquisa, foi também fator contribuição para que o coletivo se desmantelasse, o assentamento sempre foi visto como um ultimato para a cidade e região uma vez que o desenvolvimento emanaria no empoderamento dos assentados

Imagem 13 - Coletivo de juventude do ACF, participando do Encontro Nacional a Articulação Paranaense por uma Educação do Campo, no município de Condói-PR, ano de 2013.



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Sempre que haviam encontros, tanto estaduais, quanto regionais promovidos por entidades educacionais ligadas aos movimentos sociais, ou quaisquer outras instituições, o coletivo buscava se fazer presente no intuito de trazer para o assentamento pra além da troca de experiência a importância do conhecimento a partir do ingresso no ensino superior.

Deve-se a essa organicidade o número considerável de egressos nos cursos superiores ligados aos movimentos sociais, em especial o MST, que com sua organicidade e dinâmica voltada para a classe trabalhadora, consegue oferecer a seus militantes. Hoje, pelo menos 15% dos jovens do assentamento estão cursando em Universidades Populares em todo estado do Paraná e até fora dele, numa perspectiva de absorver teoria e logo, praticar o que aprendeu contribuindo para a emancipação do assentamento em questão. Na imagem em destaque, a ilustração de mais uma mobilização, promovida com a contribuição dos movimentos sociais afim de reivindicar atenção por parte dos órgãos públicos em prol dos assentamento em geral, ao analisar a imagem, trata-se de reivindicação voltada para a educação, tendo como parâmetro a implementação de cursos técnicos, o que contribuiria pra a formação política não somente dos jovens rurais, mas sim da juventude em âmbito universal.

Imagem 14 - Coletivo de juventude do ACF em ato em Curitiba



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

O reflexo de uma juventude que luta e que persiste fica em evidencia quando analisado estas imagens. Ao que se pode observar é que, mesmo em meio a tantas impossibilidades, a resistência mais uma vez pairou sobre este grupo, ainda que remota, a contribuição que estes permearam para o assentamento, é reconhecida por todos.

Mesmo com as contradições vivenciadas, o ACF hoje, busca se solidificar com a união entre as famílias assentadas, apoiando os acampamentos que estão no enfrentamento pela conquista da terra, para mais tarde, somar forças e transformar esta área, uma das maiores conquistas já demarcadas na história do MST.

Imagem 15 - Mobilização relembrando os 17 anos de massacre do Eldorado do Carajás



Fonte: arquivos pessoais de DUTRA, Vanessa 2017.

Ao que se pode observar na fotografia acima, é que há uma constante participação da juventude junto às comunidades, as famílias não lutam por ideais isolados, pelo contrário, permanecem dispostos a eternizar-se juntos. É nesse sentido que o assentamento Celso Furtado caminha na perspectiva de consolidar cada vez mais forte, configurando um povo que luta e que resiste, mesmo em meio a tantas controvérsias impostas pela realidade.

5 DA TEORIA À PRÁTICA: JUVENTUDE¹¹ EXPRESSANDO LUTA PELA EMANCIPAÇÃO DO ACF

Como já descrito, a juventude do ACF, é guerreira. Dentre todas as minuciosas práticas de resistência, os jovens se veem numa contradição constante, a de ficar e a de sair do campo. A sensação de culpa por deixar a família e todos os propósitos depositadas nas mesmas, faz com que muitas das vezes o jovem se perca, ficando em meio a penumbra, não sabendo qual horizonte seguir.

Entende-se que as problemáticas que o assentamento traz desde sua gene ao poucos vem sendo superada, porém, ainda não é suficiente para que não aumente o número de evasão tanto de jovens separadamente quanto de famílias inteiras. No decorrer das entrevistas com os jovens, praticamente todos atribuem ausência de políticas públicas como sendo um dos fatores que geram tal decisão.

A topografia dos lotes é outro elemento que aparece forte, onde os jovens relatam que a forma como a terra é distribuída não comporta uma família inteira, tendo parte dos integrantes optar ou sair procurar a “independência” fora, ou condenar-se a viver sobre condições precárias por falta de estrutura seja ela física ou emocional.

Compreende-se por fim que, esta juventude é persistente. Embora fora destacado vários elementos que convêm como justificativas para a evasão, o tempo todo eles fazem uma avaliação de como vivem hoje e o como pretendem viver futuramente, e todos partilham do mesmo pensamento, voltar a morar e produzir a vida no campo.

5.1 VIVENDO E CONTRASTANDO: JUVENTUDE LANÇANDO RESISTÊNCIA

*“Ter meu próprio pedaço de chão e poder viver da terra, ser me próprio patrão”
(SUJEITO H, 2017)*

Dentre as dificuldades enfrentadas pelos jovens e moradores do ACF, destacou-se elementos que fazem parte do cotidiano dos indivíduos que vem dificultando o desenvolvimento dos sujeitos. Isso implica não somente a juventude,

¹¹ No decorrer do trabalho, os sujeitos entrevistados serão denominados por sujeito A, B, C e assim sucessivamente, como forma ética, de resguardar sua privacidade e imagem de qualquer questão.

mas sim toda população do ACF, tendo em vista que ambos vem a muito tempo cambaleando frente aos desafios que lhes são postos, porém, mesmo em meio as tantas dificuldades, aos poucos, as estruturas existentes que compõe cada comunidade vão sendo consolidada com as resistências dos assentados frente aos órgãos públicos.

Para Wanderley (2000), o campo há muito, vem passando por modificações consideradas bruscas e imediatas, pondo os indivíduos que dele fazem parte em situações consideradas inesperadas, não vendo outra saída, acabam se colocando como parte desse processo, contudo, a característica própria, o campo/rural, não se perdeu.

Trata-se, por um lado, de transformações de ordem econômica, que afetaram profundamente a forma de produzir do campesinato tradicional e que se traduziram, especialmente, pela progressiva modernização do processo de produção na agricultura, uma maior integração deste setor aos mercados, inclusive e sobretudo os mercados não locais. Por outro lado, estas transformações dizem respeito à estrutura e à vida social local. O desenvolvimento industrial, na medida em que se concentrou nos espaços urbanos, reiterou a estreita identificação entre a atividade agrícola e o meio rural (WANDERLEY, 2000, pg. 04).

Ela ainda segue pontuando que, passados os períodos de guerra praticamente todos os países necessitavam manter a produção agrícola como um meio de autossuficiência, ainda assim, a agricultura não saiu ilesa das práticas adotadas naquele momento.

De fato, na grande maioria dos países desenvolvidos, desde o período do pós-guerra, o modelo de desenvolvimento agrícola teve como objetivo principal assegurar a autossuficiência em produtos agrícolas, especialmente em produtos alimentares. Consequentemente, as políticas adotadas tinham como prioridade o aumento da eficiência deste setor produtivo, que se expressou na implantação do modelo produtivista da modernização agrícola, cuja base era a adoção de sistemas intensivos de produção e a crescente integração à complexa economia de mercado. (WANDERLEY, 2000, pg. 05).

O passado tem sua contribuição no sentido que se configura o modelo de sociedade que está posto hoje, a modernização que assola o século XXI, já vem projetado posteriormente em outros moldes, há uma deformação no que diz respeito a exterminar esses vestígios introduzidos na sociedade. A pesquisa elucida vários elementos que são relevantes atentar-se, para além do que já está posto o que pode se observar é que, grande parte dos jovens pesquisados e logo que participaram da referida, possuem contradições e inquietudes, que muitas vezes os divide.

Indagações essas que perpassam a materialidade, seria, o permanecer mesmo com as dificuldades existentes internamente no assentamento, ou, sair, e se deparar com inúmeras dificuldades a se enfrentar lá fora.

Os jovens do assentamento ACF, possuem sonhos, utopias, planejam o futuro, sonham em constituir família, ter um pedaço de chão, para conseguir chegar próximo ao que chamamos de autonomia. Sonhos esses que não se solidificam por si só, necessita-se de algumas alianças, e, principalmente alento para se consolidarem.

Ponderando todos esses elementos apresentados no decorrer do escrito, considerou-se de suma relevância o diálogo com os jovens¹² que fazem parte do assentamento e logo, do acampamento já mencionado no decorrer do trabalho, a contribuição dos mesmos para com este escrito vem reafirmar todo debate já detalhado até aqui. Neste momento, serão apresentados os resultados no que tange a conhecer um pouco mais sobre essa juventude, como vem se dando o processo de resistência não só dos jovens, mas dos trabalhadores de modo geral.

Este diálogo benéfico e satisfatório, foi obtido com dez (10) jovens que residem no assentamento Celso Furtado, outra parcela com jovens que estão em luta no Acampamento Dom Tomás Balduino, e por fim, com aqueles que saíram do assentamento e foram para outras regiões/cidades e que relataram em detalhes como foi essa experiência, tendo em vista que este é o objetivo maior deste escrito, saber destes jovens quais motivos os levaram a sair, quais as perspectivas estes tinham fora do assentamento, e logo, quais as vantagens e desvantagens eles obtiveram ou não, fora do campo.

Em conversação com pequena parte dos jovens do assentamento, buscou-se através desse contato, uma proximidade com a realidade que estes vem vivenciando dentro da dinâmica seja do assentamento, seja do acampamento e outros grupos que julgar-se importante. Dentre esse montante de jovens entrevistados, uma parcela, possui o mesmo pensamento, ou em outras palavras, partilham dos

¹² O método para se chegar até esses jovens, deu-se num primeiro momento através de conversas informais, num segundo momento, me propus a convidá-los através de e-mails, se os mesmos se desafiariam a contribuir para tal escrito, após aceito o convite, o próximo passo seria a análise da realidade desses jovens, porém as especificidades de alguns elementos específicos dessa realidade não aparecerão aqui, por motivos a não se tornar repetitivo, tendo em vista que a maioria dos entrevistados vem do mesmo assentamento, logo quaisquer detalhe acrescido, seria de conhecimento de todos. Logo após esse percurso, fez-se necessário o diálogo de forma de mais concreta no que diz respeito a ter o contato mais direto com esses jovens, afim de colher neste processo um melhor êxito na pesquisa.

mesmos anseios e conseqüentemente, dos mesmos sonhos, o da concretização da reforma agrária de forma a levar o camponês a se emancipar e logo, tornar-se independente e com isso, ir se contrapondo ao modelo de capitalismo instaurado em nossa sociedade hoje.

Para o sujeito B (2017), o assentamento necessita de mais união, o mesmo deixa explícito sua decepção ao relatar que a coletividade por parte dos assentados perde-se no tempo, para ele isso é um “prato cheio” para o capital, pois, quanto mais desestabilidade por parte do coletivo, mais fácil fica de semear o que podemos chamar de “pressão”, onde o campo, e, conseqüentemente o camponês se modela nos protótipos dessa exploração do homem pelo homem que predomina hoje.

[...] Eu busco sempre olhar pelo lado positivo das coisas, já fui mais limitado, mas hoje com o ingresso no ensino superior minha visão mudou bastante, e querendo ou não, mais cedo ou mais tarde, a gente acaba por se encaixar nos padrões capitalistas, e isso está nos pequenos detalhes que muitas vezes não percebemos. (SUJEITO B, 2017).

Como já ressaltado no escrito, a desestabilidade por parte do assentamento também é parte do processo de regresso do mesmo, uma vez que a falta de união não aparece só em um dos relatos, mas sim na fala de vários jovens, o que leva a entender que, quanto mais individualismo mais chances do maligno capital se instaurar.

O processo de sucessão familiar é outro ponto a se considerar preocupante pelas famílias do ACF, pois ao que se pode observar, após a saída do pai e da mãe do lote, os filhos, a considerar os que permanecem no campo, se vendo desinteressado pelo terreno, por todos os motivos já elucidados, estes acabam por vender, trocar, colocar outra pessoa no lugar, ou fazer quaisquer outro tipo de interesse, menos permanecer nele. A ausência de sucessores, devido à migração dos jovens, ainda não é um problema efetivamente estudado na agricultura familiar brasileira (SPANVELLO, 2008, pg. 19).

Em casos onde a permanência dos filhos deixa de ocorrer, os estabelecimentos familiares tornam-se suscetíveis a incorporações por outros proprietários. Com o esgotamento da capacidade física de trabalho dos pais, os mesmos acabam vendendo ou arrendando seus estabelecimentos a outros agricultores vizinhos ou moradores da cidade que transformam o estabelecimento em sítio de lazer ou de final de semana, ou ainda em estabelecimentos empresariais (SILVA, 1999 *apud* SPANVELLO, 2008, pg. 20).

Para Spanevello (2008) quando falado sobre sucessão familiar, surge grandes questionamentos e até mesmo um certo receio, pois, essa questão é muito preocupante, uma vez que com a evasão dos jovens do meio rural quem daria continuidade a tal perspectiva de campo?

O desinteresse dos filhos é principalmente revelada pela crescente saída da população rural jovem para exercer ocupações urbanas. Como resultados, a ausência dos filhos faz emergir a possibilidade dos estabelecimentos familiares sem sucessores. Uma forma dos filhos demonstrarem a falta de vontade de ficar, é a forma como avaliam o modo de vida no meio rural e o modo de vida dos pais. (SPANEVERELLO, 2008, pg. 17).

Para Castro (2006, pg. 11), a juventude rural, ou se preferir jovem rural, vem sendo estudada a partir de dois eixos fundamentais, estudo esse que objetiva compreender porque estes acabam por deixar o meio rural e logo, optarem migrar para o meio urbano. Alguns elementos a serem considerados nesse processo é que, o acesso à escola e ao trabalho interferem sim na saída desses jovens, e por conseguinte, a atração pelo estilo de vida no meio urbano.

Pode-se ponderar que os jovens do assentamento e do acampamento possuem pensamentos positivos e semelhantes, ambos pensam um futuro saudável, ainda que levando em consideração o atraso que perpassa pelos dois. O assentamento e o acampamento, ainda que cambaleando, conseguem se manter fortes - o que merece todo reconhecimento. De um lado o acampamento, aguarda ansioso a distribuição da terra para que cada um consiga se instabilizar e prosperar nela, e o assentamento anseia o seu desenvolvimento pleno no que diz respeito à disponibilidade de recursos para assim o progredir da agricultura. Isso se manifesta nas palavras do sujeito C (2017).

(...) Permaneço no campo, porque a vida é mais tranquila, não mais fácil. Hoje eu estou acampado porque vejo que sair da campo não foi a melhor escolha que eu fiz, quero ser independente, ter o que é meu, quero construir uma família e quero isso longe da cidade, longe de comidas transgênicas, da poluição da cidade, das doenças, quero uma vida saudável para mim e para meus filhos. Morar no campo nos proporciona várias coisas boas, do tipo, uma boa convivência com as pessoas, produzir o próprio alimento, isso evitaria comprar no mercado, evitaria doenças (...) (SUJEITO C,2017).

A dinâmica do assentamento em questão não foge desta que está posta, ou seja, do padrão moderno de agricultura instaurado no campesinato. Grande parte dos assentados optam por aderir a técnica moderna, e não mais o trabalho

rudimentar. Isso também contribuiria para que os jovens venham a perder o interesse pelo lote? O sujeito B (2017), descreve como ele vê a propriedade de sua família, não como um cárcere, mas sim como um progresso, no entanto as vezes, sentem-se sem saída quando analisam o futuro não só do próprio lote, mas de todo assentamento.

(...)Pelo pouco de experiência que tenho, acredito que um dos desafios maiores é a parte financeira, pois “você” pega por exemplo uma terra que não tem nada encima e “você” vai ter que construir “tudo”, e muitas vezes no processo de acampamento/assentamento todo o “capital” (que geralmente é pouco) que se tem você gasta pra se manter no acampamento, daí você se depara com uma terra que vai ter que tirar sua subsistência e de sua família dali sem ter nada, acredito que é um dos desafios mais presenciado (...) (SUJEITO B- 2017).

Quando perguntando sobre como os órgãos governamentais vem desempenhando seu papel dentro do assentamento, parte significativa dos jovens partilharam do mesmo pensamento, que as políticas públicas, órgãos governamentais, incluindo o INCRA, não atendem as necessidades postas frente aos trabalhadores do ACF. Você esperava mais do governo em relação a contribuição para a sua e demais permanências no campo? O Que?

(...) Acredito que no governo anterior, foi um período que teve algumas contribuições bem positivas para o povo da classe trabalhadora, favorecendo assim também o povo do campo, neste período deu uma melhorada pois o pobre conseguia ter acesso as “mesmas” coisas que a elite, (educação, saúde, luz, etc.) mas hoje no governo atual, fica visível que é um que governo que favorece apenas a elite, a classe trabalhadora volta a ser sucateada novamente, sendo tirado todos os seus direitos que foram lutados para serem conquistados(...) (SUJEITO C, 2017).

A falta de políticas públicas foi elencada no decorrer do trabalho como sendo um dos fatores fundamentais para que ocorra e, provavelmente continue ocorrendo o grande índice de abandono do assentamento por parte de toda população. Quando se fez a sequência de perguntas que englobavam estes pontos centrais, a juventude não hesitou em explanar o que pensam a respeito.

Você esperava mais do governo em relação a contribuição para a sua e demais permanências no campo? O Que? A falta de políticas públicas influenciou na sua saída do Campo? Quais? (Infraestrutura, patrulha agrícola, saúde, lazer, escola de qualidade, entre outros). Você acredita que o governo, em especial por meio do (INCRA,) vem desenvolvendo seu papel, auxiliando com subsídios necessários para

a permanência dos sujeitos do campo? Quais? Em relação as mobilizações dos grupos de jovens do assentamento, o que você tem a contribuir sobre? Já fez parte de alguma mobilização em prol de melhorias para o assentamento? Quais?

Ainda assim, o povo do ACF, acredita que o mesmo possa se levantar dessa estagnação em que se encontra, basta uma união por parte de todos.

(...)No meu caso, como eu já falei, eu sai por conta da minha formação, mas eu acredito que pra muitas famílias a falta de políticas públicas é fator chave para que muitos evadam-se do sítio, a estrada e a saúde são os principais, tantas pessoas com câncer que tem que se deslocar daqui pra outras cidades buscar um médico que atenda à esses problemas, tendo que abandonar o sitio, então acho que é uma coisa que teria que ser pensada, porque é uma precariedade, assim....(...) (SUJEITO F, 2017).

Para o sujeito G (2017), quando questionado sobre os motivos e entusiasmas que o levaram a deixar o campo, mesmo retrata que o governo é um dos mais influenciadores da sua decisão de deixar o sitio, uma vez que este não oferece demandas que garantam sua permanência dentro do assentamento.

(...) Nós esperávamos mais do governo sim, mais verbas, mais oportunidade de emprego, o governo só olha os interesses deles, se eles não assumem a responsabilidade de arrumar nem uma estrada, o que mais se pode esperar? (SUJEITO G, 2017).

O sujeito H, (2017) também expressa sua indignação em relação aos laços cortados entre os assentados e os órgãos públicos, e pra além considera que esperava mais auxílio por parte do mesmo.

Eu esperava um maior atenção do governo pra com os assentados, um melhor acompanhamento com assistência técnica pra que o assentado possa produzir mais e melhor, e um local onde ele possa comercializar sua produção com um preço justo (SUJEITO H, 2017).

Compreende-se que, precisa de mais mobilizações seja da juventude, seja das famílias em geral, de modo a se posicionar e pressionar os órgãos públicos cobrando algum tipo de resposta, pois, as pautas são levadas em representação pelos dirigentes superiores, fato é que essas reivindicações não são atendidas senão mediante aperto em relação ao estado.

Quando se fala em evasão, logo vem em mente o esvaziamento de algo, seja campo, seja cidade, ou quaisquer outro meio. O objetivo aqui, é demonstrar como a juventude do ACF aborda essa questão, tendo em vista que é neles que é

depositado toda questão de sucessão do campo. Quando indagados sobre tais questionamentos, ambos os entrevistados, dispuseram do mesmo pensamento.

Qual o posicionamento da sua família em relação a sua decisão de deixar o sítio? Porque você saiu do assentamento? Quais os motivos pelos quais você não permanece no assentamento?

Algumas famílias vendo a situação em que os filhos se encontram, acabam por aceitar tal decisão de deixar o campo, tendo em vista que neste momento hipoteticamente nenhuma família possui condições para fazer-se os desejos dessa juventude, logo, os pais acabam por acatar o movimento de seus filho (a), e deixa-o ir. Isso fica explícito quando o sujeito B (2017), coloca: (...)minha mãe as vezes, era contra minha permanência no sítio, ela falava que a vida no sítio é muito difícil, que devo construir minha vida na cidade. Já meu pai sempre me incentiva a seguir a lida no campo (...) (SUJEITO B, 2017).

Para os sujeitos G (2017) E H (2017), as famílias (pai, mãe, e irmãos (a)), não viam outra saída a não ser aderir com estes a ideia de deixar o campo. (...) É claro que minha família não queria que eu fosse embora, mas eles não tinham muito o que fazer, o jeito foi deixar ir em busca de trabalho, uma vida melhor. (SUJEITO G, 2017). Já o sujeito H, (2017), relata o seguinte posicionamento da família: (...) fui apoiado, pois eles também perceberam que não seria possível a família sobreviver com aquele terreno(...) (SUJEITO H, 2017).

Alguns dos jovens da pesquisa, saíram do assentamento, mas não foram para as cidades grandes em busca de emprego ou algo parecido, foram acampar-se nos acampamentos já citados neste escrito.

Depois de pensar muito, fui em busca do que um dia possa vir a ser meu. Quando soube das ocupações juntei com mais uns amigos e resolvemos ir, montamos um barraco e no começo ficamos todos juntos depois com a organização do acampamento tivemos que cada um fazer seu barraco, mas foi tranquilo... Acampamento “você” sabe como que é, tem as dificuldades, mas estamos enfrentando, e sem sair a terra também não saímos dali... (SUJEITO I, 2017).

Já o sujeito C (2017), é um dos jovens que tentaram resistir no acampamento, porém, ao ser um acadêmico, o acúmulo de tarefas acabou por sobrecarregá-lo, tornando impossível a sua continuidade no acampamento. Muitas atividades, são delegadas quando se está acampado, faz parte da organicidade do MST, no entanto, nem sempre os indivíduos que decidem trilhar essa caminho, conseguem

se manter, é o caso de alguns dos jovens e também famílias que foram acampar-se nas inúmeras ocupações já existentes.

Eu consegui ficar quase um (1) ano lá (acampamento), mas daí logo surgiu a oportunidade de entrar no curso oferecido pela UTFPR¹³, que é uma coisa que eu gosto e me identifico, e também por ser pública e gratuita não podia perder a oportunidade, fui. Passados uns três (3) meses eu vi que não ia conseguir dar conta de tanta coisa, disciplinas do curso e mais as tarefas que cabiam a mim no meu grupo, ai pra não ficar “feito” pra mim, resolvi sair. Hoje avaliando, eu vejo que não conseguiria ficar mesmo, é muita coisa, e eu sou o tipo que me cobro muito, as coisas tem que sair do meu jeito, do contrário não ta bom, por isso desisti. (SUJEITO C, 2017).

É nítido que a juventude aqui retratada assume tarefas que sempre tem um teor sempre no sentido de se pensar o futuro de forma próspera. O número de jovens do assentamento ACF e dos acampamentos citados, que ingressaram nos cursos superiores ofertados pelas universidades juntamente com a colaboração dos movimentos sociais, voltam-se como ferramenta para se pensar os rumos que irão assumir depois de formados.

Ao que se pode compreender, o intuito da grande maioria seria de voltar para suas respectivas comunidades e dar continuidade ao processo de luta, visando o progresso das suas bases. Os futuros veterinários, incumbir-se-ão de desenvolver de forma plena e eficaz seu trabalho de veterinário junto com as famílias, os futuros professores, trabalharão ponderando também nesta perspectiva, de desenvolvimento do assentamento/acampamento, e assim sucessivamente, cada um, ao longo do tempo, encontrará a sua forma de trabalhar, e logo, contribuir para incremento de projetos de autonomia própria, buscando formar alianças com os sujeitos que depositam confiança nestes.

Quando se fala em resistência, logo vem em mente, mobilizações, coletividade, unidade e logo, juventude no comando, pois é sabido que a sucessão será dada por esses membros.

A sucessão familiar hoje vem sendo enfrentada de forma preocupante pelo campesinato, tendo como um dos elementos centrais a evasão do jovem, uma vez que é este que dará continuidade a todo processo construído pela família.

Como já frisado no decorrer do trabalho, o coletivo de juventude foi um dos marcos que contribuíram para que o assentamento conseguisse algum tipo de

¹³ Universidade Tecnológica do Paraná.

capacitação e logo contextualização para assim tomar partido no sentido de se objetivar a emancipação do mesmo.

Procurando contextualizar essa realidade, e ressaltar a importância da unidade não só entre a juventude, mas sim, entre todo o assentamento, presume-se que, grande parte desses jovens que optam por evadir-se do assentamento, vão em busca de conhecimento nas áreas de conhecimento, seguido da realização pessoal de possuir uma casa, um carro, uma situação financeira melhor, esses são alguns dos motivos que levam esses jovens a procurarem novos horizontes, o que é válido salientar é que, em meio as tantas dificuldades estes mesmos jovens pensam em retornar e viver seus planos e projetos futuros neste ambiente.

Das indagações feitas a eles, tem-se como fundamental, os desafios enfrentados para se manterem no campo e os motivos selecionados por eles ao escolherem sair em busca dessas novas figurações.

Depois de assentados, quais os desafios enfrentados para se manterem sobre o terreno? Porque você não saiu do campo? Quais os motivos pelos quais você permanece no campo? Como você vê a questão da perda de coletividade por parte dos assentados hoje?

O jovem diz: (...)Eu não sai do campo pelo fato de ser criado desde pequeno na lida do campo e meus pais ainda permanecerem no mesmo, e pelo fato de gostar muito da vida do campo (tranquilidade, sossego, etc.) (SUJEITO E, 2017).

Em relação a perda de coletividade o SUJEITO F, descreve que a falta de interação dentro do próprio grupo também contribuiu para que houvesse o rompimento de parte do coletivo, uma vez que a resistência, a coletividade, entendida nos moldes do MST como a atribuição de tarefas, cooperam para a autonomia camponesa, por isso a resistência.

A perda de união por parte dos assentados atribui-se ao fato de que, depois de adquirir a terra, optam por se adaptar cada qual na sua propriedade, gerando assim, o comodismo.

Os desafios são bastante, porque assim, você não tem muito apoio de quase nenhum lado né, muitas vezes ocorre como aconteceu com meu irmão, ele mora lá (assentamento), planta lá, mas teve que vim buscar um recurso "extra", mas as dificuldades pra se manter lá não são tão fáceis assim, porque a gente sabe que ainda mais na questão de lavoura é assim, tem vez que produz bem, tem vez que não, entoa você tem que ter uma chave extra (no sentido de outro emprego), acho que assim, um ponto de maior dificuldade pra mim, foi no meu ponto de formação, porque eu queria

fazer o que estou fazendo hoje, licenciatura em artes e eu não encontrava um lado que me desse essa opção (SUJEITO F,2017).

Para o sujeito H (2017), os desafios só existem porque o governo abandona as famílias, deixando-as aquém, depois de assentadas.

Depois que saiu o assentamento os desafios foram muitos, minha família não, tinha nada, tivemos que começar do “zero” para poder nos manter de pé, o dinheiro que nos tinha acumulado, foi acabando aos poucos já durante o acampamento, então quando chegamos no lote nós não tinha condições de construir nada, fazer uma casa, então continuamos morando num barraco até conseguir fazer primeira casa de madeira, e para plantar foi muito complicado, pois as verbas que iriam vir do governo demorou para chegar. Foram dias de muita luta... (SUJEITO H, 2017).

Já o sujeito G (2017), o desafio maior está na topografia dos terrenos, tendo em vista que cada terreno mede em média cinco (5,5) alqueires e meio, e que muitas vezes não comporta o número de integrantes das famílias.

O pouco financiamento e a inexistência de acompanhamento técnico oferecido pelo governo, a quantidade de terras, também fazem parte das dificuldades enfrentadas pelas famílias. Eu falo isso, porque o nosso lote era pequeno e ainda tinha uns pedaços que eram bastante “acidentados” (improdutivo), com pouca área onde realmente podia se trabalhar com máquinas agrícolas. (SUJEITO G, 2017).

Deve-se considerar que esses elementos ponderados por este jovem em específico, é de fato, a julgar-se importante. Quando se coloca em discussão, o espaço, torna-se relevante repensar de que forma irá se encontrar alternativas para comportar toda família, de forma que todos sintam-se contemplados e realizados no território que lhes é cabível.

Permanência, remete a resistência, e é realmente isso que não só a juventude, mas sim toda população do assentamento em questão vem manifestando entre si. Quando indagado aos jovens sobre, o que os mantém sobre o campo, grande parte partilha do mesmo pensamento e opinião. Dentre as questões, destacar-se-á as consideradas centrais para que se pudesse chegar à raiz da visão dos jovens, dos jovens que contribuiram para com esta categoria, os Sujeitos, D (2017) e E (2017), atribuem-se como indivíduos que pensam de forma semelhante.

Quais as razões pelas quais você permanece no assentamento? Porque você não saiu do campo? Quais os motivos pelos quais você permanece no campo? Você gosta de morar neste assentamento? Porquê?

Ambos, relataram que, permanecem porque ainda acreditam no futuro do assentamento, porém, isso só ocorrerá, a partir do momento que as famílias se vincularem e somarem-se em prol de um mesmo objetivo, Vale ressaltar que ambos saíram temporariamente, o motivo mais especificamente foi a busca pela formação no ensino superior, pra em seguida voltar ao referido e contribuir para com o fortalecimento do mesmo. Ambos os entrevistados cursam Licenciatura porém em áreas diferentes.

(...)Eu no momento estou estudando fora do assentamento, sou oriundo do campo e tive apenas alguns anos de experiência morando na zona urbana (período que não me sentia de bem com a vida), posso afirmar que não me vejo morando longe do campo, mesmo sendo dificultoso (por falta de dinheiro para investimentos em insumos e implementos agrícolas) ai se torna muito trabalhoso (no sentido de ser tudo manual pela falta de equipamentos e recursos), o meio de subsistência através da terra. (...) (SUJEITO E, 2017).

A busca por mais conhecimento no ensino superior por parte dos jovens do ACF, partiu da necessidade de se buscar a emancipação por parte da educação, tendo e vista que, a partir desse momento, o assentamento terá a contribuição desses egressos para a elucidação do que possa-se chamar de autossuficiência do assentamento.

...Na verdade eu não sei porque eu não vi futuro ou coisa assim, foi porque eu casei e vim morar na cidade e logo comecei minha faculdade que é em Cascavel e não tinha como eu morar lá (assentamento), e vim e ir pra faculdade, então acabei me fixando- mas eu pretendo, futuramente voltar, tenho planos de voltar pra lá, não pra já, mas eu pretendo.... Eu sai mesmo, mais pela questão financeira, fazer faculdade e me manter, como uma base mesmo. Mas eu acredito no futuro do assentamento, me vejo morando lá, e também assim, eu tenho alguns projetos que eu quero desenvolver lá, eu estou me fazendo como educadora então, como já disse, só sai pra buscar uma formação. (SUJEITO D, 2017).

É nítido como este conhecimento adquirido no curso superior é vista pelos jovens como um dos elementos mais almejados, e também, é tomo como uma forma de se pensar num futuro melhor, tanto para realização pessoal, quanto a se refletir numa forma de contribuir para o desenvolver do assentamento.

Já para outros, não foi o curso superior que levou-os a tomar a decisão de deixar o campo, mas sim a situação econômica familiar, foi fator determinante. O que se reafirma nas palavras do sujeito G (2017). Devido a família ser numerosa e o terreno pequeno, não era suficiente para sustentar todo mundo, por esse motivo acabei saindo do assentamento em busca de outra fonte de renda, um emprego na cidade (SUJEITO G, 2017).

Os ensejos se assemelham, uma vez que o sujeito H (2017), também relata os mesmos motivos, pela qual acabou tomando a decisão de sair do assentamento.

Eu sai do assentamento em busca de uma vida melhor, pois no assentamento eu não tive oportunidade para trabalhar, minha família não tinha condições de me ajudar e para se deslocar do assentamento para a cidade não tinha condições, pois as estradas eram de péssima condição e quando chovia nem ônibus passava, então o jeito foi sair do assentamento e ir pra cidade grande para ter oportunidade até mesmo para ajudar minha família que ficaram no assentamento. (SUJEITO H, 2017).

Neste momento destaca-se não só as políticas públicas, mas sim outros elementos, como a perda de coletividade, topografia dos lotes, são elementos que contribuem para que grande montante da evasão desses jovens aconteça.

A participação política tanto da juventude quanto das famílias, não é assídua. Primeiro porque o assentamento há muito não vem oferecendo essa demanda, por conseguinte, ninguém opta por se responsabilizar por tais ações, um vez que envolve muita responsabilidade e tempo ócio.

As mobilizações de um tempo pra cá caíram muito, acho que a gente deveria voltar a ascender aquela chama de lutar pelos nossos direitos. Em relação ao coletivo de juventude, acho que deveria ser resgatado, inclusive esse é o ponto chave pelo qual eu quero voltar, porque eu acredito assim, que a juventude precisa de formação, mas após essa formação, ela precisa ter meios de usar essa formação. O termino do coletivo tem várias questões, uns dizem que foi por conta da evasão dos jovens, outros alegam que sobrecarregou só um número de pessoas, as lideranças no caso. (SUJEITO F, 2017).

Como já mencionado, houve-se um processo de adormecimento por parte dos assentados em relação a participação política, seja em mobilizações externas, quanto internas. Durante as entrevistas pode-se observar que os jovens possuem clareza de que desejam retornar e logo, dar continuidade à todo esse processo de luta, isso aliado com as famílias e comunidade em geral, como já frisado.

É neste sentido, que o assentamento vem passando por inúmeras falhas, no sentido de amparo, gerando a ausência de políticas públicas. Considerando hipoteticamente que, se fizesse presente grupos representativos das famílias envolvendo a juventude, essas questões poderiam ser melhor dialogadas e apresentadas aos órgãos governamentais. Quando questionado sobre respectivos apontamentos, a juventude pondera vários critérios as quais consideram formidável relatar.

O sujeito F (2017), coloca um desafio maior, a inserção dos jovens nas formações políticas juntamente com as famílias e comunidade, no sentido de reestruturação das bases, tendo em vista que um grupo politicamente concreto, tem mais visibilidade e voz junto as demandas oferecidas pelo estado.

Também avalia-se que os próprios pais privam os filhos, nesse caso, os jovens a contribuírem para com as deficiências que o assentamento possui, colocando o individual como prioritário.

Eu penso que se deve começar da base pra fora, eu acredito que assim, consegue um grupo pra fazer a diferença, eu penso que todos esses elementos, a escola, a concretização da casa própria não é só função da juventude buscar por eles, mas sim á um todo. Porque eu vi muitos casos assim, que os jovens queriam participar do coletivos e se inserir em outras atividades, mas os pais não queriam, recuavam, não deixam, então o jovem por si só não faz muita coisa, eu acredito assim, que o coletivo por exemplo, deveria se instaurar como pastoral familiar algo assim, caminhar lado a lado, trabalhar a cabeça do jovem e trabalhar a cabeça da família também, e pra isso na minha opinião deve-se começar pela restauração das comunidades. (SUJEITO, F 2017).

Já o sujeito G (2017), descreve que, o desmantelamento por parte das famílias após a conquista da terra, é algo a considerar como ponto chave para a não politização dos assentados e da juventude.

A perda de coletividade é algo que enfraquece muito os assentados e principalmente os jovens. Infelizmente ela só existe durante o tempo de acampamento, após assentadas, a coletividade das famílias praticamente acaba, isso é muito ruim, pois enfraquece muito o assentamento, é aquele ditado, "a união faz a força", se essa união acaba, fica difícil. (SUJEITO, G 2017).

Com isso fica evidencia-se que, o que faz-se necessário pensar, é a uma maneira de dialogar as famílias, comunidade e a juventude, numa perspectiva de

aliança para juntos buscar contemplar os mesmos objetivos, e o que de mais importante julgar para o assentamento.

A emancipação engloba vários elementos a serem considerados primordiais, entre eles alguns fatores apareceram fortes durante a pesquisa, tratando-se dos aspectos culturais, políticos, da econômicos, e ainda, a realização pessoal, como tendo um peso a ser levado em consideração como um dos fatores relativos ao nortes que a vida em si, assume.

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes, Guiddens (1991). Neste sentido, o processo emancipatório perpassa por vários campos até se chegar ao todo, e nesses percalços, os indivíduos acabam por encontrar múltiplos pontos, hora positivos, hora negativos.

Quais suas expectativas em relação ao futuro do assentamento? Você viu perspectivas emancipatórias nesses 15 anos de assentamento? Como você contribuiu para tal? Quais avanços? Em relação ao patriarcalismo, como você e sua família lidam com essa questão? Em quem está depositado o comando sobre o lote? Você acredita na política de reforma agrária se sim/não, porquê? O sujeito H (2017), destaca que sua expectativa em relação ao futuro do assentamento está depositada também nos governo. (...)Se o governo olhar com a devida atenção, a motivação dos assentados pode melhorar muito, eles sairiam menos do campo pra viver na cidade(...) (SUJEITO H, 2017).

Já o sujeito F (2017), acredita sim, no futuro do assentamento, e ainda pondera que ela mesma contribuirá futuramente para que esse desenvolvimento pleno aconteça.

Eu acredito no futuro do assentamento sim, me vejo nele, contribuindo com a formação não só política, mas também humanizada, resgatando essa juventude que está perdida, fazendo com que ela encontre seu caminho, porque eu penso que os jovens só estão perdidos. (SUJEITO, F 2017).

Quando questionados sobre acreditar ou não na política de reforma agrária, ambos os sujeitos G (2017) E H (2017), assemelham-se entre si, pontuando que não acreditam, não se continuar da forma que está posta.

Infelizmente não acredito, pois ao adianta só por a família em cima do lote, tem que dar condições dela sobreviver em cima da terra dando incentivo, acompanhamento técnico, motivando os nossos assentados e com isso diminuindo a evasão do campo, isso já começa com uma seleção criteriosa na escolha do acampado que vai ganhar um pedaço de terra e o governo está deixando muito a desejar com essas políticas. (SUJEITO H, 2017).

O sujeito G, (2017) diz:

É difícil acreditar na política de reforma agrária, porque ela não atende tudo o que as famílias precisam, mas também, existe muita gente que realmente precisa de um pedaço de chão para trabalhar, para sustentar sua família, pessoas que não tem pra onde ir... (SUJEITO G, 2017).

Todavia, esses questionamentos não são corriqueiros, e quando de fato elencados, os indivíduos ficam sem saber o que pensar e como agir, uma vez que discutir reforma agrária é algo muito minucioso.

Sonhos todos possuímos, eles podem estar próximos ou distantes de nós, só depende do tempo e das circunstâncias torná-lo realidade.

O sujeito F (2017), possui sonhos e utopias, assim como o sujeito E, porém, ambos relatam que estes são relativos, uma vez que vem acompanhada de uma realização pessoal, e não coletiva. E é neste sentido que o ACF, deve caminhar numa perspectiva de reavivar essa coletividade e logo, buscar essa emancipação que se almeja.

Para o sujeito F (2017), dentre os planos de futuro estão inclusos, o término do curso de Licenciatura, para após, retornar ao assentamento e logo, dar início aos projetos que até então estão só em mente.

(...)Primeiro quero manter o lote como fonte de subsistência, uma forma de manter a renda e uma estabilização, e eu também quero fazer um projeto social, começar um projeto de dentro pra fora do assentamento, porque eu acredito que quando vem muitos elementos de fora pra dentro não dá certo, porque tudo que é novo pra você, antes de você aderi, você recua sem mesmo conhecer. (...) (SUJEITO F, 2017).

Para o sujeito E (2017), futuro do assentamento está depositado nas mãos dos jovens, que estão hoje buscando formações tanto pessoais, quanto coletivas fora do assentamento, e ressalta também, que, mediante ele, cursar uma faculdade mediada pelos movimentos sociais é inevitável não retribuir. Pretendo depois de formado em Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), atuar por um período nas escolas do campo e depois trabalhar no campo (produção de vacas de

leite/corte) (SUJEITO E, 2017). O sujeito F (2017), pretende seguir por esta mesma lógica, a de voltar e dar seguimento a seus projetos futuros.

O que se deve fazer, é, mostrar ao jovem o seu caminho, fazer com que ele se encontre e se questione, porque eu estou aqui? quais meus objetivos? Levando em conta que não é só o jovem que deve arcar com todas as consequências e falhas que vem havendo no assentamento, mas sim pensar que isso é uma deficiência do todo, porque eu ouvi muitos casos onde os jovens queriam, sabe, participar mas os pais não deixavam, então o jovem por si só ele não faz muita coisa, eu acho que o coletivo se juventude deveria ser restaurado assim, pra uma pastoral familiar, algo assim, trabalhar lado a lado, trabalhar a cabeça do jovem, pro jovem trabalhar a cabeça da família também, e pra isso na minha opinião, teria que restaurar as comunidades, porque é sempre os mesmo que estão envolvidos, o lazer foi se perdendo, foi esquecido, antes tinha, torneios, promoções, algo que chamava a juventude e a família, mas que hoje foi esquecido, não sei apontar ao certo o motivo, mas está adormecido... (SUJEITO F 2017).

Compreende-se que os jovens da pesquisa mesmo passando por momentos difíceis, ambos possuem as mesmos ideais, buscam pelos mesmos sonhos, e o que mais se torna esperançoso é que todos planejam o mesmo retorno, tanto os que estão buscando formação acadêmica, quanto os jovens que estão trabalhando nas cidades grandes, preveem a volta ainda que numa perspectiva prolongada, e os jovens que estão nos acampamentos, anseiam seguir na terra, sobrevivendo e crescendo no campo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evasão do jovem do campo, vem sendo estudada há muito tempo por vários estudiosos que se propõem a compreender essa dinâmica em torno de questões que levam ou não a esse abandono e desgosto pelo rural.

O que se pode analisar da pesquisa com os jovens do ACF, é que, a realidade e as utopias divergem-se, em meio à tantos percalços percorridos e encontrados durante todo processo de transição de acampamento para assentamento, esses sonhos ainda permanecem vivos dentro de cada um. Hoje com um pouco mais de maturidade para compreender certos desafios, a juventude luta bravamente não somente pela emancipação pessoa, mas sim, pela independência da identidade do campo, a primeira forma, e a mais sabia, é buscar o conhecimento do mundo lá fora, e isso é possível de alcançar através do ingresso nos cursos superiores ofertados pelas Universidades Federais juntamente com as performances empregadas pelos movimentos sociais como já bem frisado em outros momentos.

No decorrer desta pesquisa, os sonhos desta pesquisadora, aqui atribuídos como individuais, coincidiram com os sonhos desta mesma juventude estudada. Como jovem e filha de assentados, estudante em uma Universidade Federal Pública, hoje não muito distante de concluir sua graduação, já se enquadra nas realizações da juventude elencada.

Após estudar quatro anos, tempo de duração da Licenciatura, no último ano de faculdade (2017), esta consegue por meio de Processo Seletivo ofertado pela Secretaria Estadual de Educação (SEED), ingressar como professora do ensino fundamental e médio nas escolas estaduais do campo, no então ACF. Sendo assim, esta também se coloca como uma contribuinte no que tange ao desenvolvimento do assentamento, ponderando que como educadora, seu papel é pra além de ser transmissor de um conhecimento mutuo, esta tem o dever de trabalhar com a juventude em sala de aula, como estes irão corroborar futuramente para o desenvolvimento do referido assentamento.

Como parte desse processo de luta constante, cada dia é um (re)começo, de ideais, de lutas, de perspectivas, de angustias, mas principalmente de realizações, em cada jovem estudado, fica nítida a esperança de que o assentamento Celso Furtado que neste processo histórico de luta, em um período não distante, se desprenderá das mazelas que o assolam. Isso não é impossível, é árduo.

Sabe-se que nenhum processo de luta seja por resistência, seja por conquista de algo, foram tarefas simples, o que se sabe é que são processos hora lentos, hora contínuo, ou não, fato é que, desses entraves só vence quem resiste e opõe-se em prol de sua vitória. Se cada jovem, existir 1% de anseio pela transformação do mesmo, somados esses números eles irão aumentar, e se somados com as famílias, os números duplicarão, triplicarão e assim sucessivamente, e logo, as lutas individuais passarão a ser de todos, e bem se sabe que essa união fará com que o assentamento se solidifique em cada fragmento, e cada vez mais a chegada de um novo horizonte estará mais próximo.

Desses caminhos já trilhados por este povo lutador, creio que esse obstáculo a ser enfrentado será de conquista de liberdade, autonomia, soberania e emancipação. Como se pode observar na pesquisa, coragem por parte da juventude, não falta.

Para uma melhor compreensão da Questão Agrária o escrito contou com alguns autores que trabalham e discutem os rumos que esta vem assumindo, dentre estes, Sampaio (2006), Mendonça (2006), Martins (1999), Souza (2000), Janata (2012), Júnior (2005), Fernandes (2008), Medeiros; Lindner (2014). O presente trabalhou propôs explicitar e afligir as ideias e contradições nas palavras desses autores, no sentido da discussão como perspectivas que se apresentam no processo de conquista da terra.

Para corroborar com a discussão entre juventude e o campo contou-se com autores que dialogam entre si, as angústias e as contradições que os jovens vivem ao se deparar com a realidade, que muitas vezes não condizem com a mesma que estes esperavam. Kautsky (1968), Marx (1996), Abramovay (1998), Graziano (1980), Castro, (2009-2012), Stropoulos (2006), Vendramini (2007), Bogo (1996), Coca (2011), Wanderley (2000), Guidens (1991) e Spanevello (2008), apresentam-se com o objetivo de sintetizar como os sonhos da juventude contemporânea vem sendo muitas vezes podados pela forma em que a sociedade está posta.

As entrevistas, vem reafirmar como a juventude sem-terra consegue produzir sua própria autonomia, de forma a criar resistências de caráter próprio, e, enfatizar cada vez mais forte que o campesinato/camponês consegue manter-se dentro da sua própria dinâmica.

Durante a escrita, fica claro que os jovens do ACF, possuem uma bagagem enorme de luta. Luta essa que se mostra presente na consolidação das escolas, que

é um dos processos mais lentos que tramitava nas mãos do governo, bem como as famílias buscam resistir em seus lotes mesmo com tanto descasos, como bem frisado nas imagens das estradas.

Outro artifício de luta, é a inserção dos jovens nas novas organizações dirigidas pelo MST, (acampamentos), como ferramenta de mais conquista, não só da terra, mas sim a consolidação da reforma agrária. Durante o trajeto do trabalho, procurou-se contemplar todos os objetivos propostos, explicitar as contradições entre o permanecer e o afastar-se do campo que no decorrer das entrevistas ficaram em evidencia, que são por ausência de políticas públicas e demandas que garantam sua permanência no assentamento. Procurou-se destacar as formas de resistências que não só os jovens, mas as famílias abrandam no dia dia afim de superar as necessidades que perpassam o cotidiano do assentamento. E pra além, fazer uma ligação entre, como essa juventude vem se inserindo nas participações políticas afim de ir encontrando caminhos para que as mesmas e as famílias camponesas do ACF, consigam ir garantido espaço e determinando sua própria autonomia.

Por fim, o trabalho buscou considerar os motivos pelas quais os jovens evadem e permanecem no assentamento. Dentre os elementos que a pesquisa se propôs a apresentar ponderando por que os jovens saem, por não ter uma garantia de sobrevivência ali, seja por falta de políticas públicas, seja pelo terreno não comportar a família inteira, por essas, e outras consequências, optam por ausentar-se mas como conseguinte, sofrem com a realidade enfrentada do outro lado. Permanecem e resistem porque acreditam no futuro do assentamento e nas suas próprias perspectivas de realizações, sejam elas pessoais ou profissional.

Espera-se que o escrito tenha obtido o resultado desejado, de modo a colocar a juventude do ACF como futuro de resistência, independência e autonomia

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo, **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. UNESCO, 1998.

BOGO, Ademar, **A Reforma Agrária e a Sociedade**, São Paulo, 1996.

CHIAVENATO, Julio José, **Violência no Campo: o latifúndio e a reforma agrária**, São Paulo, Ed. Moderna, 1939.

CARVALHO et.al, **Perspectivas Dos Jovens Rurais: Campo Versus Cidade**. Porto Alegre, 2009 p.05

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas. **Um estudo da diversidade e atualidade da reforma agrária: análise dos tipos de assentamento do território Cantuquiriguaçu**. Presidente Prudente [s/n], 2011.

CASTRO, Guaraná Elisa, **Juventude do Campo**. In CALDART R. S. et al. Dicionário de Educação do Campo. São Paulo. Expressão Popular, 2012.

CASTRO, Elisa Guaraná, **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político*** Rev. latinoam. cienc. soc.niñez juv 7(1): 179-208, 2009, primeira versão Abril de 2008-2.

CALDART, Roseli Salete, **O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo**. Estud. av. vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999 (Edição: Petrópolis, Vozes, janeiro de 2000).

Constituição Federal Capítulo III Da Educação, da Cultura e do Desporto SEÇÃO I Da Educação, 1998.

FERNANDES, Bernado Mançano, **O MST e as reformas agrárias do Brasil**. Boletim DATALUTA – Artigo do mês: dezembro de 2008. ISSN 2177-4463.

FERNANDES, Bernardo Mançano, **Questão Agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial**. In et al S. Pedro, A questão agrária do Brasil: o debate na década de 2000. São Paulo. Expressão Popular, 2013.

GRAZIANO, José da Silva, **O que é Questão Agrária?** Coleção primeiros passos, 1980.

GUIDDENS, Anthony, **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

_____ Informações retiradas do site, **história do MST**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/historia/> História do M.S.T> (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra). Acesso em 24 de Maio de 2017.

_____ Informações retiradas do site, **histórico da empresa Araupel**. Disponível em: <<http://www.araupel.com.br/sobre-nos/florestal-e-materia-prima> Histórico Araupel>. Acesso em 02 de Junho de 2017.

_____ Informações retiradas do site, **dados do município de Quedas do Iguaçu**. Disponível em <:<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412090&search=||infr%EFicos:-nforma%E7%F5es-completas>> **dados do Município de Quedas do Iguaçu**. Acesso em 03 de Junho de 2017.

_____ Informações retiradas do site **dados do Incra**. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/reformaagraria> Dados do INCRA>. Acesso em 03 de Junho de 2017.

_____ Informações retiradas do site, **Estatuto da Terra**. Disponível em: <<http://reforma-agraria-no-brasil.info/estatuto-da-terra.html> >. Acesso em 22 de Outubro de 2017).

_____Informações retiradas do site, **IBGE**. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?>> Acesso em Agosto de 2017. S/N.

_____Informações retiradas do site, **Araupel, sobre nós**: Disponível em: <<http://www.araupel.com.br/sobre-nos/florestal-e-materia-prima/>> Acesso em Novembro de 2017.

_____Informações retiradas do site, **INCRA**: Disponível em: <http://www.incra.gov.br/institucional_abertura> Acesso em, 2017.

_____Informações retiradas do site, **Projovem-campo saberes da Terra**, Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/projovem-campo--saberes-da-terra.>> Acesso em 2017).

_____Informações Disponível em: <<http://www.mst.org.br/historia-do-mst>> Acesso em 2017.

_____Informações retiradas do site, **MST**, Disponível em: <www.mst.org.br> Acesso em 12 de Setembro de 2017.

_____ <https://www.vagalume.com.br/raul-seixas/discografia/>. Acesso em 2017.

JÚNIOR, Caio Prado, **A Questão Agrária e a Revolução Brasileira-1960**. In. STEDILE, João Pedro A Questão Agrária no Brasil- o debate tradicional 1500-1960. São Paulo. Expressão Popular, 2005.

JANATA, Natacha Eugênia, **“Juventude que ousa lutar!”: trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST**. Florianópolis SC. 2012.

KAUTSKY, Karl. **A Questão Agrária**. Rio de Janeiro: Edi. Laemmert, 1968.

MENDONÇA, Sonia Regina, **A classe Dominante agrária: natureza e comportamento**. 1964/1990: Expressão Popular, São Paulo, 2006.

MARTINS, José de Souza. **Reforma agrária – o impossível diálogo sobre a História possível**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 11(2): 97-128, out. 1999 (editado em fev. 2000).

MARX, Karl, **O Capital 2**. São Paulo, 1996.

MEDEIROS R.M.V, LINDNER M. **A territorialização de assentados e reassentados do Rio Grande do Sul: os espaços de vida no contexto da luta pela terra**. Rio Grande do Sul, Junho, 2014.

PINA, Rute; HOSHINO, Camila. **Entenda o conflito entre o MST e a madeireira Araupel no Paraná**. Brasil de Fato, São Paulo (SP) e Curitiba (PR), 10 de nov. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/11/10/entenda-o-conflito-entre-o-mst-e-a-madeireira-araupel-no-parana/>. Acesso em: 14 de outubro de 2017.

SAMPAIO, Plínio Arruda. **A Questão Agrária Brasileira e a luta pelo Socialismo**. In, STÉDILLE, João Pedro. **A Questão Agrária no Brasil: debate sobre a situação e perspectivas da reforma agrária na década de 2000**, São Paulo, 1ª Ed. 2013.

STRAPOSOLAS, Valmir Luiz, **O mundo Rural no Horizonte dos Jovens**. Florianópolis.Ed.DaUFSC,2006.

STÉDILE, João Pedro, **Questão Agrária**. In CALDART R.S. et al. **Dicionário de Educação do Campo**. São Paulo. Expressão Popular, 2012.

SPANVELLO, Rosani Marisa, **A dinâmica sucessória na agricultura familiar**. Porto Alegre, Abril de 2008.

VENDRAMINI, Célia Regina, **Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo**. Campinas Maio/Agosto, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel, **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo**. Estudos Sociedade e Agricultura, 15 de outubro 2000: 87-145.

APÊNDICE A – Questionário

Para os jovens que saíram/Permanecem do assentamento

- 1- Quais as razões pelas quais você permanece e /ou saem do assentamento?
- 2- Quanto tempo você viveu no acampamento?
- 3- Depois de assentados, quais os desafios enfrentados para se manterem sobre o terreno?
- 4- Porque você saiu/não do campo? Quais os motivos pelos quais você permanece no campo/não?
- 5- Você esperava mais do governo em relação a contribuição para a sua e demais permanências no campo? O Que?
- 6- A falta de políticas públicas influenciou na sua saída do Campo? Quais? (Infraestrutura, patrulha agrícola, saúde, lazer, escola de qualidade, entre outros)
- 7- Qual o posicionamento da sua família em relação a sua decisão de/não deixar o sítio?
- 8- Você gosta de morar neste assentamento? Porquê?
- 9- Quais suas expectativas em relação ao futuro do assentamento? Você viu perspectivas emancipatórias nesses 15 anos de assentamento? Como você contribuiu para tal? Quais avanços?
- 10- Você acredita que o governo, em especial por meio do (INCRA,) vem desenvolvendo seu papel, auxiliando com subsídios necessários para a permanência dos sujeitos do campo? Quais?
- 11- Em relação ao patriarcalismo, como você e sua família lidam com essa questão? Em quem está depositado o comando sobre o lote?
- 12- Em relação as mobilizações dos grupos de jovens do assentamento, o que você tem a contribuir sobre? Já fez parte de alguma mobilização em prol de melhorias para o assentamento? Quais?
- 13- Como você vê a questão da perda de coletividade por parte dos assentados hoje?
- 14- Você acredita na política de reforma agrária se sim/não, porquê?
- 15- Qual o seu sonho futuro, sua utopia em relação ao seu projeto de vida?